

# ILUSTRAÇÃO



3.º ANO  
NÚMERO 58

Lisboa, 16 de Maio de 1928

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO  
4\$00



**Veramon**  
*Schering*



***acalma as dores***

de dentes, de cabeça e o mal estar proprio da mulher, sem que se apresente desagradavel sensação de cansaço ou de calor, ou palpitações cardiacas, tomando 1 a 1½ comprimido de Veramon com intervalos de 2 a 3 horas. Decida-se a fazer uma despesa insignificante e tirará d'isso um resultado valioso. Tubos de 10 e 20 comprimidos de 0,4 gr.

# **AUTOMOVEIS**

# **STUTZ**

---

---

**O OITO CILINDROS EM LI-  
NHA QUE MAIOR SUCESSO  
TEM CAUSADO PELAS SUAS  
INEGUALAVEIS QUALIDA-  
DES DE MECANICA, CON-  
♦♦ FORTO E ELEGANCIA ♦♦**



**A. M. ALMEIDA L.<sup>DA</sup>**

**RUA DA ESCOLA POLITECNICA,  
————— 39, 39-A —————**



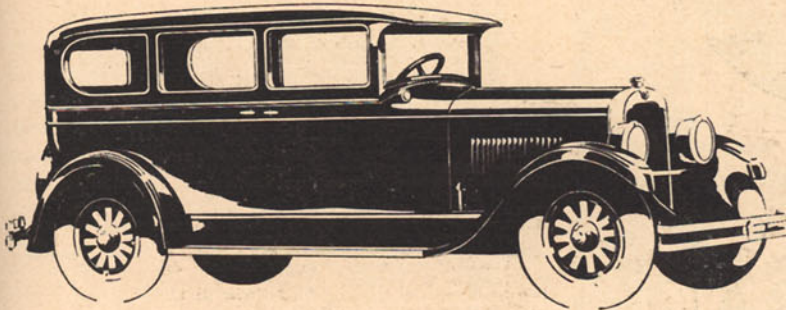
**BERTRAND IRMÃOS L<sup>DA</sup>**  
**TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA**

TEL.T.96

# AUTOMOVEIS

**O CARRO IDEAL POR EXCELENCIA  
O MAIS DURADOURO DE TODOS  
-- OS CARROS AMERICANOS --**

# REO



PREÇOS NA FABRICA :

Modelo  
"FLYING CLOUD"  
1625 dollars

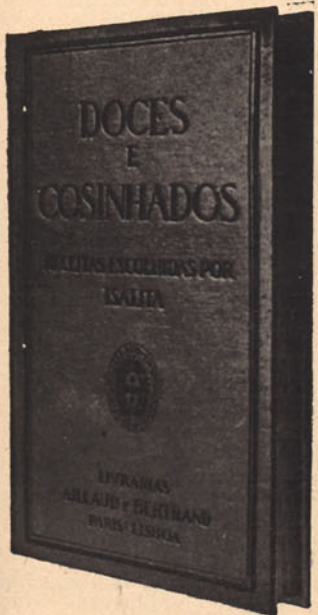
Modelo  
"WOLVERINE"  
1195 dollars

ROBUSTO, VELOZ  
ELEGANTE  
MODERNO EM TUDO

6 Cilindros, Travões hidraulicos ás quatro rodas. Cambota com 7 pontos de apoio  
Motor silencioso sem vibração e de grande elasticidade

AGENTES GERAIS: A. CONTRERAS L.<sup>DA</sup> — 109, AVENIDA DA LIBERDADE, 171 — LISBOA

SUB-AGENTES, NO PORTO: EMPRESA INTERNACIONAL DE COMERCIO E INDUSTRIA  
225 — RUA 31 DE JANEIRO — 229



# DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS  
POR

## ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas

Esc. 25\$00

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**HISTORIA  
DA  
LITERATURA  
PORTUGUESA  
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND  
PARIS — LISBOA

**BOLETIM DE ASSINATURA**

*Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por.....  
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).*

NOME .....

MORADA .....

Lisboa, ..... de ..... de 192...

ASSINATURA .....

**PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS**

**CONTINENTE E ILHAS :**

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) ..... 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	33\$00	65\$00	128\$00

**REGISTADO**

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA .....	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR.....	36\$00	70\$00	138\$00
ESTRANGEIRO .....	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE  
**ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO**  
Da Academia das Ciências de Lisboa

**ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES**

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.  
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.  
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.  
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.  
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.  
BRITO CAMACHO, escritor.  
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.  
CRISTÓVÃO AIRAS, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.  
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.  
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.  
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.  
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.  
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.  
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.  
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.  
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.  
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.  
JOSÉ JOAQUIM NEVES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.  
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.  
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos canónicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JÉLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.  
LUIZ XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.  
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
MANUEL DA SILVA CAIXO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.  
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.  
MOISÉS BENSARAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.  
P. M. LABANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.  
QUEIRÓS VIEIRA, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.  
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.  
S. COSTA SANTOS, escritor.

**EDIÇÃO MONUMENTAL**

**A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA**

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,  
ÓTIMO PAPEL, COUCHE,  
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

SAIRÁ EM JUNHO

**E CONTERÁ**

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

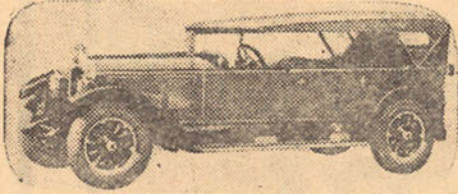
**CONSTITUINDO**

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

Com a harmonia de novas côres, lindos e elegantes interiores, e um motor que se distingue por um novo grau de aceleração, uma força inexgotavel e obdiente, os



WILLYS-KNIGHT  
E  
FALCON-KNIGHT

são a resposta antecipada  
a todos os progressos de 1928



DISTRIBUIDORES GERAIS

H. QUEIROZ, L.<sup>DA</sup> 62, Rua Braancamp, 70  
ENGENHEIROS LISBOA



UM FAMOSO ASTROLOGO

faz uma offerta notavel

Dir-lh'a-lha

GRATUITAMENTE

O seu futuro será feliz, ditoso, afortunado? terá exito no casamento, em seus negocios, ambições, desejos? etc...

NASCEU SOB A INFLUENCIA DE PROPICIA ESTRELLA?

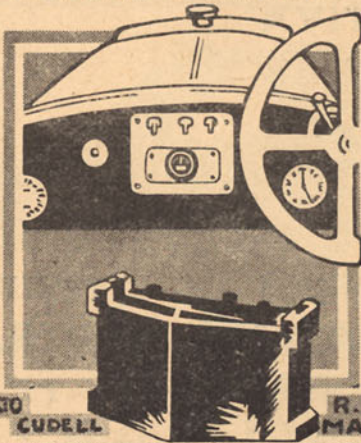
Ramah, o celebre Orientalista e Astrologo dará GRATUITAMENTE, a quem lh'a mandar pedir, com a indicação do nome, do endereço e da data exacta do nascimento, por meio do seu methodo incomparavel, uma analyse astrologica da sua vida e do seu futuro, a qual, junta aos seus conselhos Pessoaes, encerra dados susceptíveis não só de que os achemos extraordinarios, como de nos deixar maravilhados. Escreva immediatamente e sem demora, para seu proprio interesse, a RAMAH, folio 5 PL.

44, RUE DE LISBONNE, PARIS

Com 5 Escudos para cobrir as despesas do correio, remessa, etc.  
Franquia para França: 1\$60.



Exide  
THE LONG LIFE  
BATTERY



Eng.

ROBERTO

CUDELL

PÓRTO

R. PA//O/ MANOEL

KEPRE/ENTANTE EXCLV/IVO

A unica leitura  
que me tira o sono  
é a do



MAGAZINE  
BERTRAND

**LEIAM O FORMIDAVEL  
EXITO LITERARIO**

# **TRABALHOS FORÇADOS**

**DO GRANDE PANFLETÁRIO**

**JOÃO CHAGAS**

**O MAIS EMPOLGANTE  
DE TODOS OS VOLU-  
MES DE MEMÓRIAS**

**A REVOLUÇÃO DE 31  
DE JANEIRO VISTA  
POR ALGUÉM QUE  
TOMOU PARTE NELA.**

**EDIÇÃO DEFINITIVA  
EM TRÊS VOLUMES**

**CADA VOLUME  
BROCHADO . . 10\$00**

**♦ PEDIDOS ÀS LIVRARIAS ♦  
AILLAUD E BERTRAND  
RUA GARRETT, 73 E 75  
♦ ♦ ♦ LISBOA ♦ ♦ ♦**



**ACABA DE APARECER**

# D. SEBASTIÃO

**DE ANTERO DE FIGUEIREDO**  
(DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS)

**8.<sup>A</sup>**  
**EDIÇÃO**

**BROCH. 12\$00**  
**ENCAD. 16\$00**

**: PEDIDOS ÀS LIVRARIAS :**

**AILLAUD E BERTRAND**

**RUA ANCHIETA, 25 - LISBOA**

## **- INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA -**

*APRESENTOU NA RECENTE EXPOSIÇÃO MÉDICO-CIRURGICA*

*Instrumentos cirúrgicos. Mobiliário sanitário Material para laboratórios, etc.*

### **o CRYPTIODOL**

47 % de iodo

Novo produto farmacêutico especializado  
**IODOTERAPIA SEM IODISMO**

*Instrumentos ópticos.*

*Microscópicos ZEISS.*

*Vidraria Pyrex, etc.*



*O mais belo repositório de conhecimentos científicos, a mais empolgante série de aventuras maravilhosas é a obra do genial romancista*

## **JULIO VERNE**

*primorosamente ilustrada em edições populares ao alcance de todos*

**SÃO LIVROS QUE TODOS DEVEM LÊR**

**PEDIDOS AS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND**

**73, CHIADO, 75 - LISBOA**

# Os homens de mais destaque social

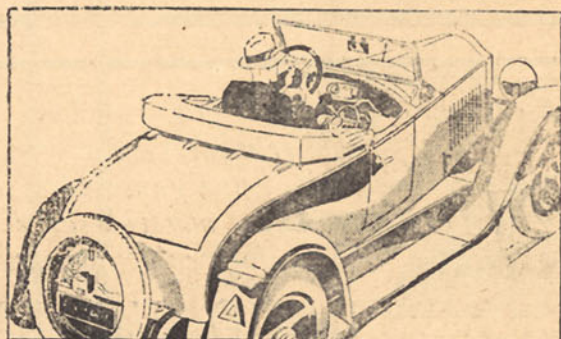
*Escolhem o Buick em virtude da certeza do seu perfeito funcionamento*

NAO é para o simples facto de ser dono de um automovel que o publico compra um Buick. É porque, adquirindo-o, adquire a certeza de um perfeito funcionamento, ha muitos ânos firmado, e que tem feito que o Buick predomine em maioria entre os carros de luxo

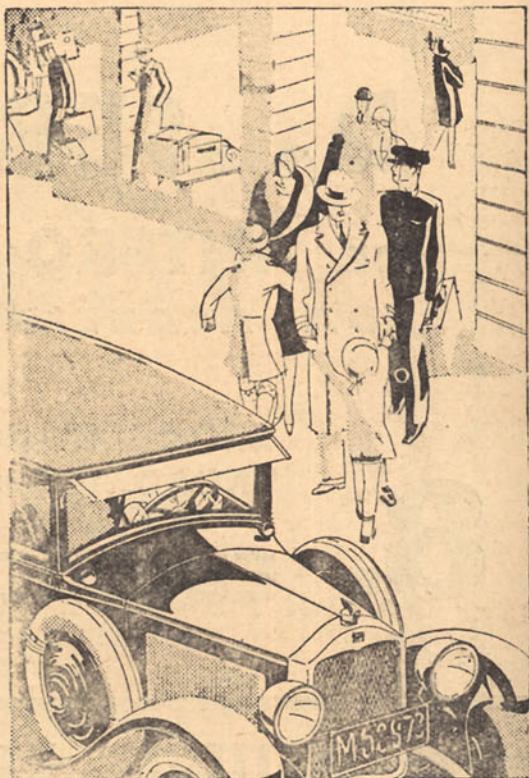
Uma experiencia feita em varias grandes cidades mostrou como se salientava a passagem do Buick em todos os pontos de mais trafego. Em Madrid, por exemplo, e no ponto central que é o Paseo de la Castellana, verificou-se, por esta experiencia, que, em cada tré, carros de luxo que passavam (e as marcas sao tantas!), um era um Buick.

Esta predominancia do Buick deve-se ao facto de que nenhum outro carro conseguiu, como éle, chamar a atençao das esferas sociais superiores pela perfeita correspondencia ás maiores exigencias delas.

De motor forte e de sólida construcção, desenvolve o Buick facilmente mais de 100 kilometros á hora, com resistencia bastante para manter essa velocidade. Se a esta grande qualidade se acrescentam a beleza de suas linhas de baixa suspensão e a harmonia de cores das suas carroseries, compreender-se-há



*Força e rapidez estao unidas no Buick a elegancia e comodidade*



*Sao proprietarios de Buick os homens de destaque em todas as categorias*

porque conquistou e mantém o alto posto que ocupa entre os carros de destaque

O concessionário mais próximo lhe demonstrará abundantemente as magnificas qualidades deste grande carro

GENERAL MOTORS PENINSULAR, S A -MADRID



# BUICK

CONCESSIONARIOS

Diniz M. d'Almeida  
Avenida da Liberdade, 214 a 213  
LISBOA

Cunhas & Almeida, Ltda  
Avenida dos Aliados, 75  
PORTO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIPOGRAFIA  
DA «ILUSTRAÇÃO»  
R. d'Alegria, 30—Lisboa  
REDACÇÃO  
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º  
(Ant. R. da Procição)  
Telef. N. 873

# ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :  
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR :  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO :

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>  
R. Garrett, 73, 75—Lisboa  
ADMINISTRAÇÃO  
Rua Anchieta, 25  
Telef. C. 1084

ANO 3.º — N.º 58

16 DE MAIO DE 1928

## O CONGRESSO DE MEDICINA



Da esquerda, para a direita, de cima para baixo:—A recepção ao sr. Presidente da República e corpo diplomático antes da sessão inaugural.—O organizador do congresso, professor Costa Sacadura, lendo o discurso inaugural.—Um aspecto do passeio dos congressistas às termas e balneários do Estoril.—Aspecto da recepção oficial nos congressistas pelo sr. Presidente da República e Ministério, com assistência de corpo diplomático e individualidades do maior destaque.—O chá oferecido no vestíbulo do estabelecimento termal do Estoril.—Senhoras da família dos congressistas nos Estoris

(Fotos «Ilustração»)



«ILUSTRAÇÃO» TEM A HONRA DE SAUDAR OS EMINENTES HOMENS DE CIÊNCIA QUE ACORRERAM AO CONGRESSO DE MEDICINA, APRESENTANDO-LHE OS SEUS SÁBIOS TRABALHOS E HONRANDO LISBOA COM A SUA PRESENÇA

# CRÓNICA DA QUINZENA

*Si j'étais roi...* Se eu fôsse um pedagogo, ou antes um orador pedagógico dado à missão de pregar em Capadócia, antes de mais nada partiria em guerra contra esses terríveis vícios de auto-centrismo que empestam a educação portuguesa e põem a nú o fio grosseiro de que está urdida a nossa túnica de civilizados. Bem certo que é comum a todos os povos uma gloriosa presunção do que são ou supõem ter sido. Mas entre nós tal balda toca as ráias do burlesco dado o desprante ou inconsciência com que nos arrogamos dotes e posições sempre que nos pômos a medir a craveira. E esse hábito de medir as nossas coisas, os nossos homens, as nossas façanhas com os dos outros povos, temo-lo nós a cada momento, em cada artigo de jornal, em cada dez-reis de cavaco, discursando e preleccionando. Esta queda para a ênfase não escapou aos espanhóis, entre outros Calderon, que dela vestiram os seus tipos, bufões por via de regra, de portugueses. A nossa incomparável epopêa?! O nosso céu inigualável?

O nosso clima, a nossa paisagem, a nossa bravura, a nossa galantaria, os pitêus, os nossos vinhos, as nossas mulheres, os nossos coiros, tudo do primeiro, do melhor, do mais belo, no plano universo das relatividades. Como o povo israelita somos um povo mimoso do Senhor, tanto assim que desceu nos planos de Ourique a combater ao lado de D. Afonso contra os cinco reis da Moirama.

Teófilo Braga, que foi também um espolgador de grandes nadas, contribuiu até certo ponto para este regorgitamento glorioso do português. Com aquela desenvoltura com que metia foice em todas as searas, não recolheu para Portugal Spinoza, o primeiro dos filósofos, e, se não estou em êrro, Velásquez, o primeiro dos pintores? Por aqui gastaram, segundo consta, alguns pares de sapatos os avós destas sumidades. Mas nascimento, ser e morte os tiveram em terra alheia. E que parece da índole, do pensamento, do humus português sobrenadou nas produções destes homens? Na livraria arrolada e catalogada de Spinoza não se encontrou um só livro em português; que de particularmente nosso legou a paleta de Velásquez?

Mas não se passa dia que esses ratões das

bibliotecas não descubram um grande médico que não metesse num chinelo os cirurgões duma côrte de Trebizonda, um grande sábio que não descobrisse a pedra filosofal, um grande judeu banido que não escrevesse a Thora, um portuguezinho engenhoso que, em qualquer das terras do vasto mundo, não tenha inventado o *fil à couper le beurre*.

Mas o ridículo maior não reside nestas jucundas infantilidades, mas sim na nossa tendência para o exagero e na nossa imensurável prosápia. Ainda não há grandes dias um governador civil proclamava que Portugal, com mais isto e mais aquilo (e tudo se situava num próximo horizonte) marcharia à testa da civilização. Um articulista, pouco há, sustentava que a cosinha portuguesa era a melhor de todas, como se tivesse provança e usança da culinária universal.

Um outro, que nunca safu da pata-rêga e ignora as províncias do Norte decantava como o mais suave clima do mundo o nosso clima. Numa palavra, a cornucópia de todos os dons do Espírito Santo e de todos os mimos da madre natureza entornou-se sobre Portugal e é esse êden e essa Abbaye Thelème que aí vêem.

Este auto-centrismo nacional não podia deixar de reflectir-se no indivíduo e não há patarata que tenha passado pelo licen que não imagine ser o centro da raça.

Tal poetrasto, que publicou uma versalhada, julgar-se há um vate de génio; tal peniculário um escritor de mão cheia; tal politiceiro um Pombal; o pedaço de asno que sobe o Chiado o alvo de todos os olhares femininos. Para cada um a sua personalidade; sómos descendentes de el-rei D. João V, o magnífico.

Está bem de ver que fronteiras a dentro de Liliput aquele que tem uma polegada acima da média das estaturas é grande; na terra dos cegos quem dispõe dum olho é rei; num país de analfabetos quem arredonda duas rimas é génio; numa terra de escravos quem traz o chicote é Cesar.

A verdade é que o português, uma vez

tirado da terra, fica, em geral, exemplar pouco interessante. Observem o nosso irmão de gravata, quando viaja no comboio, no eléctrico, ou se encontra connosco numa sala de espera. É um grande senhor, cheio de si; acabou de trincar o grã-mogol.

Todo êle se entrincheira no seu *eu* como o pavão incha na sua roda. Tenham muito cuidado; à primeira acostagem, se não sai o príncipe, sai o onagro. A sua maior preocupação é que tenham uma grande idéa de si, dar uma grande idéa de si.

Não é bem notória esta monomania no estado que temos pela opinião estrangeira? «Quão se souber lá fóra; é uma vergonha aos olhos da Europa; as chancelarias vão rir — são lugares comuns que traduzem esse conceito de importância que temos de nós mesmos. A verdade é que ninguém olha para nós; que ninguém se importa connosco; que ninguém ri ou chora perante nossos desvarios ou lastimas. O mundo é vasto e nós somos um grão de areia semeado na sua imensidade. Seria preciso reluzir como os brilhantes de pura água para que assestassem sobre nós a luneta com essa imaginada demora.

Para o grande vulgo, somos uma província de Espanha. É vexatório, mas não é caso para crises de nervos; a esta ignorância respondemos com moeda do mesmo troco. Se um bulgaro ou um romeno, ainda que sejam professores de Universidades, desconhecem quem foi Camões; quem foi Albuquerque, hei de tê-los por menos idóneos ou cultos?

Também êles devem ter o seu épico o seu conquistador e eu, palavra, não lhes sei o nome. O mesmo sucederá com um japonês, um húngaro e tuti-quantí, à parte o francês, porque a França é a nossa ama de leite.

Eu considero a nossa pequenês como uma virtude e a adaptação a essa pequenês como um louvável serviço da pedagogia. Correlativamente penso que a felicidade, ainda a dos povos, só é possível havendo silêncio em roda. Olhemos para o nosso umbigo, mas sem cansar a vista; tiremos da idéa que é o centro, ou devia ser o centro da gravitação universal.

ESTE NÚMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA

AQUILINO RIBEIRO.

# ACTUALIDADES



1 — Os aviadores que fizeram a travessia do Atlântico no «Bremen» da casa Junkers: Hühnefeld, Fitz-

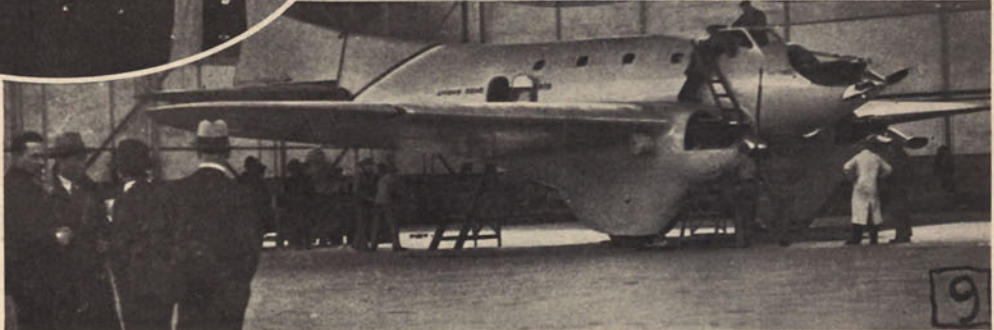


maurice e Kochl. (2) — O rei da Dinamarca fazendo um cruzeiro no Báltico. (Foto H. Manuel). (3) — Chegada a Lisboa do novo adido militar italiano comandante Gobelli. (4) — EM PRAGA: D. Hilarion Morcno, Ministro da Argentina em Lisboa, com o sr. dr. Belford Ramos, Ministro do Brasil em Praga, e Visconde de Riba-Tâmega, Encarregado dos Negócios de Portugal naquela cidade. (5) — Assistência elegante no torneio de «tennis» Portugal-



Nova Zelândia. (6) — Pinto Coelho jogando. (7) — Uma Jogada de Andrews. (8) — O sr. Ministro das Finanças, dr. Oliveira Salazar, com os directores dos jornais diários, a quem expôs o seu pensamento financeiro. (9) — O avião gigante de Consett em que Drouhin vai partir para o voo Paris-Nova York.

(Foto H. Manuel)



# ACTUALIDADES



A ESQUERDA: — Um aspecto da trasladação para o Panteão Patriarcal de São Vicente de Fóra dos restos mortais do cardeal pátriarca resignatário de Lisboa, D. José Neto, figura de inconfundível rebôo espiritual e mental

NO OVAL, à esquerda: — A urna contendo os restos mortais do saudoso prelado, transportada para o carro funerário

EM BAIXO: — A passagem do cortejo no Rossio, no meio do mais profundo respeito do povo de Lisboa



NO MEDALHÃO, à esquerda: — O capitão Fritz Rommer que saíu de Lisboa num barco a remos para atravessar o Atlântico e que acaba de chegar às Canarias



NO OVAL: — Grupo de senhoras portuguesas residentes em Tanger e que assistiram ao «Porto de Honra» oferecido pelo vice-consul de Portugal nos alunos do Instituto Comercial de Lisboa e oficialidade da canhoneira Limpopo, por ocasião da visita dos primeiros àquela cidade marroquina

A DIREITA: — Vista parcial de Tanger tomada do palácio de Muley Hafid por um dos excursionistas do Instituto Comercial de Lisboa



NO MEDALHÃO: — Grupo de alunos do Instituto Comercial de Lisboa em excursão a Tanger, com Madame Arrigaça, Sr. Linhares, 2.º tenente Sousa Duarte e esposa, Vice-consul de Portugal, Chanceler do Consulado e professor Lobato Correia, num dos pátios do palácio que pertenceu a Muley Hafid

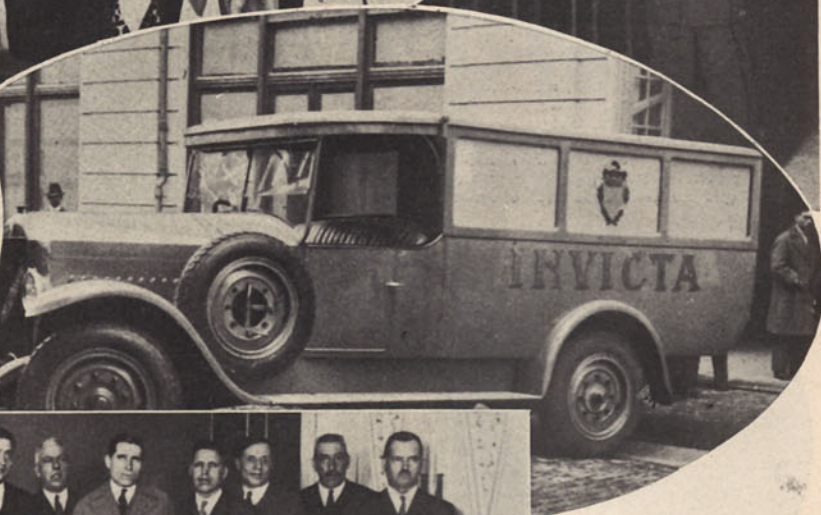
# NO PORTO



A ESQUERDA: — Um aspecto da pitoresca «Festa dos Vendedores de Jornais».

NO OVAL, à esquerda: — Senhoras que venderam a flôr em Matosinhos a favor de obras de beneficência.

EM BAIXO: — O pintor Joaquim Lopes que fez a sua brilhante exposição no Salão Silva Porto.



NO MEDALHÃO: — O comandante da região e rev. bispo do Porto na visita à Junta de Freguezia da Sê.

NO OVAL, à direita: — O novo pronto-socorro dos Voluntários da Invicta.

A ESQUERDA, em baixo: — Os membros das Juntas de freguezia por ocasião da visita que fizeram ao sr. presidente da Câmara para lhe agradecer os melhoramentos feitos na cidade.

(Fotos Alvaro Martins)

# FIGURAS

## DO MOMENTO



DR. CHAVES DE ALMEIDA

**D**ISTINTO jurista que no passado dia 18 de Abril realizou, na Associação Comercial dos Lejistas de Lisboa uma conferência subordinada ao título *Importância do Império Colonial Português na Economia Geral da Nação*.

Essa conferência foi promovida pela *Comissão de defesa das Províncias Ultramarinas* e é a primeira de uma série que a mesma comissão se propõe realizar, a fim de criar no país uma opinião pública colonial, a favor do nosso património de além-mar.

A conferência do sr. dr. Chaves de Almeida, teve um belo êxito, tendo a ela assistido, coloniais, oficiais do exército e da marinha, engenheiros, comerciantes, advogados e pessoas de representação no meio industrial e comercial.



ANRIQUE PAÇO DE ARCOS

**O** brilhantíssimo poeta cujo último livro «Mors-Amora», tem obtido um grande êxito literário e de livreria, consagrando definitivamente o seu autor.



FRANÇOIS DE CUREL

**O** ilustre académico francês agora falecido era um dos mais altos valores da dramaturgia francesa da nossa época. Mais violento do que Bataille, mais artista do que Bernstein ou Kistemaekers, mais profundamente intelectual do que Brieux, ultrapassava em muito, pelo seu valor mental a craveira média dos seus contemporâneos que se dedicaram ao teatro. Curel, que o público português conhece deficientemente através de «La nouvelle idole» e poucos trabalhos mais, deixou uma obra vasta e de elevado mérito em que avultam «L'envers d'une sainte», «La danse devant le miroir», «La fille sauvage», «Le repas des lions» e «Terre inhumaine».

(Foto H. Manuel)



DOUTOR SILVA CARVALHO

**E**MINENTE médico e estudioso investigador, que realizou algumas conferências notáveis ante o III Congresso de Medicina agora reunido em Lisboa, e foi nomeado pelo governo Cirurgião Honorário dos Hospitais de Lisboa, pelos muitos serviços prestados àquelas instituições e à ciência médica portuguesa.



JOÃO DE DEUS

**O** mais alto poeta lírico da nossa língua, educador admirável, a quem os seus conterrâneos vão erguer uma estátua em Faro.

(Desenho de Corrêa Júnior, aluno do Curso de Desenho do Magazine Bertrand).



BARONESA RAVENSDALE

**F**ILHA primogénita do falecido Marquês de Curzon e como tal ocupando, de direito próprio, uma cadeira na Câmara dos Lords onde fará a defesa do feminismo como chefe supremo do «Liga Pró-Voto Feminino».



# VIDA SOCIAL E ARTÍSTICA

A DIREITA: — Grupo tirado a bordo do paquete *Cap Polonio* por ocasião da passagem por Lisboa do sr. Marquês de Farin, que de regresso da Argentina, se dirige para Boulogne-Sur-Mer. O ilustre titular acompanhado de pessoas de sua família e das suas relações



EM CIMA: — O casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria João Lemos Marques da Silva, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Adelina Antónia Marques da Silva e do distinto engenheiro sr. António Maria da Silva, com o sr. António Rivera dos Santos Gomes, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Graziela Gomes e do falecido banqueiro sr. João Gomes, realizado na paróquia igreja de S. Sebastião da Pedreira no dia 3 do corrente

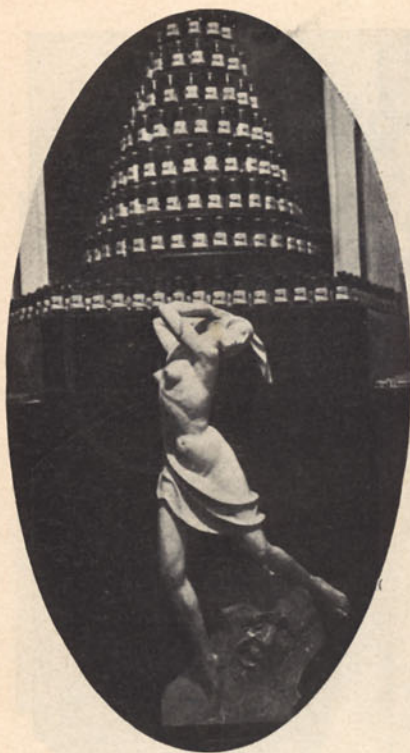


NO OVAL, à direita — Aspecto do aristocrático casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Luísa de Lancastre (Alencovas), com o sr. visconde de Taveiro; os noivos com seus pais

EM CIMA: — Astistas que tomaram parte no 1.<sup>o</sup> Concerto do Curso de Estudos Musicais, realizado ultimamente, e que foi organizado com superior critério pelos ilustres professores D. Lucila Morcira e Eduardo Libório

A ESQUERDA: — Aspecto da assistência à recepção que o Senhor Embaixador do Brasil, dr. Cardoso de Oliveira, deu no passado dia 3, comemorando a festa nacional brasileira

(Fotos Mário Novais)



O «STAND» DA CASA SHERING, LIMITADA

Entre as instalações que vimos na Exposição que ante-ontem foi inaugurada na Escola Profissional de Enfermagem, na rua 20 de Abril, parece-nos de justiça destacar o «stand» da casa «Shering, Limitada». O sr. Glade, activo e empreendedor socio-gerente da referida casa, organizou ali a exposição dos seus famosos produtos medicinais pela forma mais elegante, tendo sido coadjuvado pelo sr. Jourdain, cujo bom gosto em tarefas de ornamentação é bem conhecido.

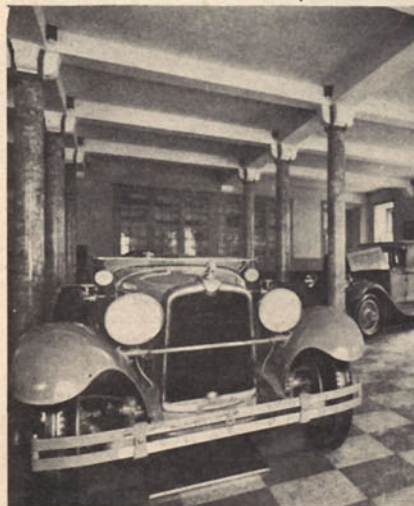
O sr. Glade vê assim, com inteira satisfação, postos em evidência os artigos de fabricação da «Shering, Limitada» (Kahlbaum A. G.), que são aliás conhecidos em todo o mundo pelos seus grandes resultados e em toda a parte aconselhados pelos mais notáveis clínicos.

Quando da inauguração da Exposição médico-cirurgica e de higiene, o sr. Presidente da República teve-se a examinar o «stand» da «Shering» e teve para o sr. Glade palavras de elogio, mostrando conhecer perfeitamente a eficiência dos produtos ali expostos e a larga e justa nomeada de que lhes gosam.



## AS EXPOSIÇÕES DA QUINZENA

EM CIMA, à direita: — O formoso stand do Instituto Pasteur de Lisboa, na Exposição Médico-Cirurgica e de Higiene do III Congresso Nacional de Medicina. Decorações originalísimas do ilustre artista alemão Fred Kradolfer. Esta instalação atraiu todas as atenções pela sua extravagância e pela excelência dos produtos apresentados



NO OVAL, da direita: — O «stand» da «Pompadora», a já célebre casa de Espartilhos e Cintas Medicinas, na Exposição de Higiene. Linda instalação com artigos que mereceram o elogio das maiores sumidades médicas que os examinaram

EM CIMA E À ESQUERDA, em baixo: — Dois aspectos da sensacional exposição dos magníficos carros «Stulz», no «stand» dos representantes daquela famosa marca, sr. A. M. Almeida, na rua da Escola Politécnica. Esta exposição foi o grande sucesso desportivo da quinzena

(Fotos de M. de Novais).



JOSÉ TAGARRO  
Retrato de Senhora

## PORTUGUESES NO BRASIL



EM CIMA: — O novo edifício do Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência, em Santos, magnífica obra de assistência que se deve ao esforço persistente e magnânimo da nossa grande e digníssima colônia naquela cidade brasileira, dignificando assim o nome de Portugal no país irmão.



NO OVAL, em baixo: Aspecto da sala da Câmara Portuguesa de Comércio do Rio de Janeiro durante uma das conferências lusófilas que ali realizou o distinto publicista Guerra Mello, conferências que subordinou ao título de «Lisboa, cais da Europa».



EM CIMA: — Na inauguração da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos. Entre muitas figuras prestigiosas da nossa colônia vê-se, marcado por uma cruz, o presidente daquela agremiação, sr. Aristides Correia da Cunha, grande benemérito da colônia portuguesa naquela capital.



Em baixo, à esquerda:

#### INSTITUTO PARA OS ÓRFÃOS DA GUERRA

Oferecemos hoje aos nossos leitores a fotografia do grandioso edifício para o Instituto dos Órfãos da Guerra, o qual fica situado na Quinta dos Vales, pouco adiante da Escola Regional Agrícola e da povoação de S. Martinho do Bispo, a 3 ou 4 quilômetros da cidade de Coimbra.

Essa obra monumental, que deve estar concluída em Julho próximo, tem sido custeada pela grande subscrição aberta entre a nossa colônia no Brasil, durante a Grande Guerra, e ficará como um padrão de glória a atestar o patriotismo dos nossos compatriotas residentes em terra brasileira.

É digna dos maiores louvores a Comissão a quem está entregue a fiscalização da obra, porque bastante tem concorrido para o seu mais rápido acabamento. Essa Comissão é composta dos srs. Augusto Lopes Brandão, residente em Couto de Cocujães, Alberto Cêpas e José Luciano do Amaral, residentes em Coimbra, e todos eles antigos negociantes no Rio de Janeiro.

# LIVROS E ESCRITORES

Se o grande poeta António Corrêa d'Oliveira não viesse no mesmo instante anunciar-nos para breve alguns trabalhos novos e prometer também outros originais futuros, teríamos de olhar com sentimento melancólico a tarefa em que o vemos agora empenhado, e da qual já conseguira desprender o primeiro fruto: a reedição definitiva, todavia sem obediência à ordem cronológica e tão ampla somente quanto as circunstâncias o forem exigindo, das algumas das suas obras mais antigas e ausentes há muito dos escaparates dos livrinhos. Teríamos de olhar melancolicamente essa tarefa, porque, em geral, só a ela se entregam os escritores que sentem já ter sido de véras longa a sua caminhada na vida e extinto de todo ou quasi o seu poder criador. Com a alma tocada de preságios fúnebres, rememoram os velhos escritos, como quem apronta disposições testamentárias. E, desde então, a nossa pena fica alerta, para mais uma mesura neorológica.

Mas, louvado Deus! não é este o caso de António Corrêa de Oliveira, lavrador de conceitos nobres e rimas de ouro. Ainda de busto erecto no meio das suas leiras, ao invés duma despedida, elle vem dizer-nos: tereis daqui a pouco um tomo de *Cartas em verso* e também as *Migalhas dos Passarinhos*, e depois... Bem. Repellido todas as ideias tristes, a reedição agora encetada justifica-se na necessidade de pôr ao alcance das mais modernas gerações de leitores esse livro de outrora, que elas apenas de ouvira ou por leitura de empréstimo conheceriam. Isto ligado ao cardinal mandamento de todo o artista de raça, que consiste em acaçar infatigavelmente, e sempre que se lhe proporcione ensejo, as estrofes e os períodos da sua obra, no intuito de, cada vez mais, lhes infundir perfeição estética e vibração humana.

Começou António Corrêa de Oliveira pelo *Auto das quatro Estações*, há dezoito anos deitada ao mundo. Neste poema, como diz um verso do prólogo, «cada Estação é um símbolo da vida»: a primavera é a alegria nupcial; o verão, a energia viril em vésperas de se transmitir a novos séres; o outono, o carinho dos filhos já medrados; finalmente, o inverno, a velhice que vê à sua roda os filhos dos seus filhos, como a raiz que bem cumpriu a sua missão de crescer, florir e frutificar. Com o seu ambiente de ecloga, numa série de quadros da vida rústica da nossa doce e linda terra portuguesa, este poema apresenta já bem nitida a feição poética do autor, confirmada em toda a sua produção posterior: o consórcio perfeito das influências místicas e das influências pagãs, ou seja Pan recebendo a bênção de Cristo.

Outro livro de alta poesia, este firmado por um nome feminino: *Asas feridas*, de D. Cândida Aires de Magalhães. Versos tristes, que nos mostram a distinta autora das *Trevas Luminosas* em frente da mesa da vida, pondo-se a contar nela os lugares vazios. Evoca os seus fantasmas familiares, fala com eles, indica-lhes a lareira da sua alma, onde há já muita cinza e pouco lume. Numa linguagem pura, de firme recorte poético, desvendam-se nos estas páginas as emoções delicadíssimas dum espírito que nada mais deseja colher no mundo senão a saudade.

Teixeira de Pascoais dá-nos desta vez um volume de prosa: *Livro de Memórias*, cheio de lembranças de infância e mocidade, que o illustre cantor do *Sempre* e da *Vida Eterna* oferta a

sua mãe. Prosa dum grande poeta, matizada continuamente de imagens belas. Os que rebuscam apenas o cisco do escândalo nas páginas de memórias não tirarão proveito deste livro, onde há somente recordações íntimas, conceitos de profunda filosofia, o colóquio duma alma superior com o mistério do universo que primeiro, a rodeou, na casa paterna ou nos estudos, em Coimbra.

Mercedes Blasco ampliou há pouco a sua bibliografia com dois livros novos: *Como eu fui amada* e *Quando a alma fala*. No primeiro, só o prefácio é dela: o resto do texto é preenchido por uma série de cartas dum homem de letras que a amou com loucura. Esse homem de letras chama-se... Não; não lhe desvendaremos o nome, embora o leitor não-lo viesse a agradecer. Essas cartas tem o tom vívido, nelas arde um desejo veemente, nos seus períodos, eros canta a eterna ebriedade de ser moço e sensível à beleza feminina. O segundo livro é mais espiritual: formado de pequenas crónicas sobre casos da vida, impressões benévolas, tolerantes, a sinceridade é o seu dom supremo. Mercedes Blasco, escrevendo como escreve, para toda a gente e olhando cada um dos seus leitores como um amigo a quem se não recusa segredos, tem hoje a simpatia dum largo público, certo de ir encontrar em cada um dos seus livros um pedaço de vida, ainda tépido e vibrante de sentimento.

Livro útil, que merece ser espalhado por escolas e oficinas, é o que o sr. dr. Cardoso do Carmo, tuberculologista dos mais estudiosos, acaba de imprimir. Intitula-se elle *Contra a tuberculose*. Realiza uma grande campanha em favor da sanidade portuguesa, tão exposta aos ataques de todas as moléstias, pela falta de educação higiénica do nosso povo. O texto deste volume, que o sr. dr. Alfredo de Magalhães prefaciou, consagra-se com intelligência à luta contra a terrível doença, ensinando-nos a evitá-la, pois o seu único processo de cura infalível é o preventivo. O livro apresenta uma série de gravuras que por si sós constituem excelentes elementos dessa louvável propaganda pelo bem-estar humano.

Os livros do sr. dr. Brito Camacho tornaram-se agora mui frequentes, sinal certo de que actualmente mais o cativam as letras do que a política. Hoje registamos os seus *Contos Ligeros*, mais uma colectânea de escritos dispersos, primitivamente saídos, sob o aspecto de crónicas, na *Lula*. De anedotas banaes, de todo o mundo e ninguém, surge-nos aqui, por vezes, uma narrativa bem curiosa, bem lançada e bem escrita. Assim, nos trechos *Frei Tomás* e *Nos altos céus*, ambos de bifonaria celestial. São vinte e nove contos, salpicados de malícia, de observação e mesmo de argúcia psicológica. Em suma: o sr. dr. Brito Camacho é um magnífico narrador, que neste livro não desmente o que evidenciou nos anteriores.

Rocha Martins continua imprimindo com modelar pontualidade a sua grande Coleção História, subdividida nos *Grandes Amores de Portugal* e na galeria dos *Heróis, Santos e Mártires de Portugal*. Bem se importa elle com o que outro dia Emile Henriot disse em desfavor das biografias romantizadas, que, no entender do letrado politico radical, alimentam a preguiça do público, afastando-o da verdadeira história! Sem essas obras de divulgação, retorquirá Rocha Martins, o grande público ficaria ainda em maior ignorância a respeito de assuntos históricos. Concordamos. *Flor d'Allura*, nos *Grandes Amores*, ergue ante nós a figura de satânica beleza de Leonor Teles, que tanto agitou um importante período da vida nacional. Do segundo departamento saíram também há pouco dois tomos novos: *O Condesdével*, que realça o génio combativo e o génio místico de Nuno Alvares Pereira, e *O Vedor de Sagres*, em cujas páginas se estuda o carácter singularíssimo do

infante D. Henrique, fidalgo das glórias náuticas portuguesas.

O conto, a novela e o romance tem estado nos tempos últimos bastante productivos. Aqui registamos alguns dos seus frutos. *Noite de Nupcias*, do sr. Lourenço Cayola, novela que preenche uma centena de páginas. História dum casamento sem amor. A acção, de desfecho triste mas moral, desenvolve-se em volta duma nobre figura de mulher, a quem repugna a mentira e, para fugir a ella, se suicida na sua noite de núpcias. Deve agradar, esta narrativa, pela sua intensidade dramática e pela maneira brilhante como está escrita. A *Faixa dos Miserandos* é um novo feixe de contos do sr. Jaime de Balsemão. São onze peças de prosa que o autor traçou com vontade de marcar progressos sobre os seus volumes anteriores. E cremos bem que conseguirá esse progresso. A sua prosa, que acusa uma leitura muito intensa de Anatole France, já realiza melhor o equilibrio do gosto moderno e das remiúscências classicas. *O caso de Madalena X* e *Um auto dos velhos tempos* já satisfazem, já são bons certificados dum temperamento literário. *Tormentos de Amor*, estrofa do sr. Hugo de Oleastro. Fraco entrou para trinta e duas páginas, o deste romance que, no ofertório, nos denuncia ter sido escrito quando o autor tinha vinte annos. Como se trata duma tentativa, não devemos ser exigentes. O tema é singelo, como singela é a prosa em que elle se desenvolve. Virá ainda o autor a escrever romances fortes, dignos de todo o apreço? Talvez. O de hoje, se não nos leva a afirmá-lo peremptoriamente, também não nos habilita a negá-lo com firmeza.

O sr. Manuel de Ortigão-Burnay, espirito de patriota e pessoa com muito mundo, isto é, pessoa muito em contacto com os grandes meios civilizados, pensou um dia em realizar aqui uma conferência sobre a crise nacional e para isso



António Corrêa de Oliveira



Mercedes Blasco



Dr. Cardoso do Carmo

colheu uma boa porção de apontamentos focando cada um dos principais aspectos dessa multimoda crise. A conferência, a final, não se efectuou, mas o sr. Ortigão-Burnay resolveu não votar ao esquecimento o seu programa: elle consta do livro intitulado *Aspectos da Crise Portuguesa*. A visão politica que ella encerra, se bem que fragmentária, é intelligente. As suas notas de critica são as mais das vezes certezas. Fina o volume com um salutar sobre o empréstimo. Se as páginas anteriores são oportunas, estas últimas apparecem-nos como oportuníssimas.

Jorge de Abreu é um jornalista dos de primeira plana, com trinta annos de serviço na «fiteira», como elle risonhamente diz. Imagine-se, pois, o que elle tem para contar, sendo, como é, o jornalismo uma varanda escancarada sobre a vida. Muitas das suas impressões sobre a actividade jornalística, dentro dos grandes períodos e em contacto com uma immensa multidão de individualidades, notáveis na politica e nas letras, archivou-as Jorge de Abreu no seu recente livro *Boémia Jornalística*, que se lê sem enfado e onde é digno de louvor o escriptulo com que foram omitidas quaisquer notas indiscretas.

VEJAM-SE NO N.º 57 AS NOVAS CONDIÇÕES DO NOSSO CONCURSO LITERÁRIO

# PORTUGAL D'ALEM MAR



EM CIMA: — Uma vista que deixa a perder de vistas as mais belas vistas de fama mundial: Vista geral da Roça Vista Alegre, no Amboim

NO MEDALHÃO, à direita: — Num cafézal da roça Vista Alegre. As dimensões dos europeus dão bem idéa da exuberância vegetativa daquela região



NO OVAL, em cima: — Outro cafézal de Joaquim Teixeira de Sousa, no Amboim. Pastosa fertilidade do solo, riqueza formidável da natureza, fazem deste recanto do Amboim, jóia do nosso domínio africano, um recanto paradisíaco e bem tão de cubitar que se não furta à cubição de todas as nações que não tiveram ontróra, como nós, filhos que lhes conquistassem o mundo



NO OVAL, à esquerda: — Um delicioso trecho das margens dum riacho africano

NO MEDALHÃO, em cima: — No Amboim, o progresso colonizador existe, por muito que doa nos nossos calunhadores. Eis uma das camionetes da roça Vista Alegre que há muito substituiu o carregador indígena

A DIREITA: Mulheres indígenas na faina agrícola. O aspecto das negras neste cliché de acaso, não é certamente de «escravas» depauperadas e mal-tratadas mas sim de entes que grangeiam pelo seu trabalho um passadio e um tratamento a que têm direito

(Fotias do amador Joaquim Teixeira de Sousa)



# O MONUMENTO DE GARAJAU



Em mil quatrocentos e noventa e nove, instituiu seu morgadio nos terrenos que vão da Ponta de Garajau à Ribeira do Caniço, Alvaro de Ornelas Saavedra, filho de outro Álvaro de Ornelas, este um dos primeiros fidalgos povoadores da formosíssima Madeira.

O doutor Padre Gaspar Frutuoso, no capítulo sétimo do segundo livro das *Saudades da Terra*, explica com singela e graciosa propriedade, como e porque os descobridores da costa da Ilha, que vai de Machico a Câmara de Lobos, baptizaram com o nome de Garajau, a ponta que do lado do leste fecha a enseada, orla marítima da cidade do Funchal.

Diz assim o padre Gaspar Frutuoso, natural de Ponta Delgada:

— Chegados a uma alta e grande ponta que a terra fazia grossa e alcantilhada no mar, acharam nela tantos garajaus, avés do mar, que sem medo se punham sobre suas cabeças e remos, que elles tomaram com a mão com que houvem muito prazer e fizeram grande festa e por esta causa ficou o nome à ponta de Garajau.

Pois hoje... sobre essa ponta penhascosa dominando o mar que se perde em longínquo horizonte; a cavaleiro das ondas, ora quebrando-se em beijos de espuma, doces como ilusões... ora

morrendo a rugir angústias, serenas ou tumultuosas... simbolizando na constância da sua inconstância as horas da vida... ergue-se ali uma bela e grande estátua do Sagrado Coração de Jesus.

Lá está magestosa, olhando o vórtice! Os braços abertos num largo gesto de acolhimento, parecem chamar a Si, a humanidade inteira...

Dir-se-ia... que aqueles lábios em mármore esculpidos, se entreabrem e pronunciam ainda as palavras de suprema esperança:

— Vinde a Mim os que tem fome de Justiça,

desalentos, refrigério para tódas as fráguas, perdão para tódas as culpas...

E porque assim é; porque n'ele confiaram, em hora amargurada; dois portugueses ilustres, o Senhor Aires de Ornelas, décimo sexto representante dos Morgados de Caniço e sua Esposa, a Senhora Dona Maria José de Sousa Holstein de Ornelas, fazendo, unidos, um voto; oito dias depois despachado e por tal guisa, que logo os nobilísimos esposos se aparelharam para o cumprirem sem remissa...

Consistiu o voto em mandarem alevantar na



os tristes, os pecadores... Batei e abri-se-vos-lhá... Procurai e achareis... Pedi e receiveis...

O Santíssimo coração arde em puro amor pelas criaturas... sangra pelas dores e delitos do Homem... É porte seguro para todos os

sua propriedade do Caniço, sobre aquele rochedo aspérrimo, duro, sobranceiro ao mar, tantas vezes marullando bravezas; um monumento ao Coração de Jesus Cristo, síntese de tódas as doçuras...

E no dia trinta de Outubro de mil novecentos e vinte e sete, com a assistência de mais de vinte mil pessoas, depois da comovedora Missa campal ouvida com profundo recolhimento; foi benta pelo Senhor Bispo do Funchal, Dom António Manuel Pereira Ribeiro, a formosa imagem de Jesus, entre as aclamações fervorosas dos circunstantes.

Quiz também o Senhor Aires de Ornelas, oferecer ao povo da sua Madeira muito amada, além do Monumento, o báculo que fôra pertença do último Primaz do Oriente, o insigne Arcebispo Dom Aires de Ornelas.

Lindíssima festa fiquela para os olhos e para os corações... Os olhos, espraçando-se encantados pela formosura e esplendor do panorama... Arrebatados por aquele maravilhoso espectáculo, afirmativo duma Fé inorredoiã... embragados de luz e de beleza, senão que humedecidos por lágrimas de enternecido enlévo... Os corações... quem pederá saudar-lhes os extasis amorosos, o fervor das preces, as graças supplicadas e recebidas?

Alguns dentre elles... os dos membros da illustre familia promotora da magnífica festividade... adivinho-o... palpitavam de alegria, trashbordavam de reconhecimento e ofereciam-se ardentes ao Coração de Jesus Cristo, Deus e Homem verdadeiro, Salvador nosso, Mestre divino, ensinador magnanimo da oração excelente, resumo perfeito de tódas as orações:

— Padre Nosso que estais nos Céus...

21-4-28.

MARIA DO CARMO PEIXOTO,



# COSAS DE MI ESPAÑA

## DIVISION DE OPINIONES

La vida torera en España ofrece pintorescos episodios, no exentos de interés y que reproducidos pueden servir à nuestros lectores de momentanea placidez que ponga tregua à las adversidades del cotidiano vivir afanoso.

Rafael Gomes, *El Gallo*, más conocido por el enfático apodo del «Divino calvo», como le designan los fanaticos partidarios de su torero desconcertante, es un torero enigmático, de gran classicismo y peculiar gracia torera que tiene la extraña habilidad de fanatizar al publico con sus desplantes y gallardías y la de aburrirlo y desesperarlo con sus medrosas actuaciones, pletóricas de miedo y faltas de honor profesional.

Quando *El Gallo* libre de prejuicios—en él muy frecuentes como buen gitano—tiene una tarde buena, realiza faenas de una plasticidad artistica incomensurables. El toro parece un docil animal domesticado y obediente al capricho del lidiador que le marca la trayectoria à seguir con los vuelillos de su capote magico.

La belleza de lineas, el conjunto que forman lidiador y toro, constituye inspirado motivo para una obra de arte plastica. El *Gallo*, en esos momentos, es un improvisador del torero que juega artisticamente con la muerte.

El público, ese público de toros de tan compleja psicología, facil à la embriaguez de entusiasmo, rayana en el delirio y pronto à la protesta airada y al denuesto más agresivo, ha hecho victima al *Gallo*, de sus iracundias y le ha otorgado los más preciados honores de su efusión entusiasta.

Pero... las tardes de fracaso del *Gallo*—por desgracia suya más numerosas que las de triunfo—son tambien de una potencialidad emotiva indescriptible.

Miedoso, depavorido, con los ojos fuera de sus orbitas, cuando el *Gallo* es acometido por un miedo insuperable, huye hasta de su



sombra y no le hace ir al toro ni un tercio de la Guardia Civil. Sus classicas «españtás», tirandose de cabeza al callejon, llevando en su rostro reflejada la tragedia, tienen tambien algo de artisticas; que tambien el miedo es susceptible al arte.

Una de esas tardes fatidicas de Rafael, en



que impulsado por el miedo se refugió en la enfermeria de la Plaza de toros, para escapar à las iras del publico, le dijo el Medico encargado del servicio:

—Rafael, ¿como tienes tan poco amor propio y te refugias aqui?

—Mire V. Doctor—contestó el torero gitano—una bronca del público dura à lo mas diez minutos y un puntazo se lleva la vida, ó dura unos meses. ¡A mi no me coje un toro como no me tire una hasta!

Hombre de gracejos y de rapidas concepciones, saturadas de ingenio, decia un dia en una tertulia de amigos, procurando disculpar su actuación desdichada en la corrida que habia toreado aquella tarde.

—Teneis que considerar que los toros que

yo toreo tienen siempre cinco años, y yo, cada año que pasa tengo uno más. ¡Y nada digamos del peso! ¡Ellos pesan 300 kilos y yo solo peso 45! ¡La lucha no puede ser más desigual!

El *Gallo* es muy aficionado à que le acompañen gentes de humilde condicion social, que suelen justificar su gorroneeria adulandolo en toda ocasion y momento. ¡Y como la adulación, aun servida en modestos recipientes embriaga, Rafael queda complacido!

Una tarde, toreando en Victoria, capital norteña de España, el *Gallo* habia conseguido un rotundo triunfo en su primero toro, pero la suerte le fué adversa en su segundo y los espectadores quedaron roncos de gritarle y decirle improprios contra sus progenitores.

Despues de terminada la corrida y comentando las incidencias de la misma, sus amigos y aduladores procuraban llevar al animo

del torero la convicción de que su triunfo habia sido rotundo.

Uno de esos amigos, el más osado, le decia: Mira, Rafael, tu debes estar satisfecho, pues en un toro estuvistes colosal y en el otro no estuvistes bien, pero tampoco estuvistes mal. Fijate que el publico se manifestó de diversa manera; es decir, que hubo división de opiniones.

El *Gallo* que habia escuchado con picarresca atención à su amigo, trás una ligera pausa contestó.

Es verdad; hubo división de opiniones.

Unos insultaban à mi padre y los otros à mi madre.

¡Hubo división de opiniones!

FREDERICO DONAIRE.





# DIÁLOGO DE UM CREPÚSCULO DE ESTIO

Em começa de estio. Num lindo vale, espraído e amplo, ao cair da tarde.

Paisagem voluptuosa e doce, vestida de verdura aveludada, tallada em fôrmas graciosas de colinas, — curvas que lembram seios, ventres de mulher, onduladas carícias femininas...

Ao meio, o leito sinuoso duma ribeira, ladeada de amieiros e salgueiros. Uma casa de campo quasi encoberta pelas árvores dum pomar que desce até junto da ribeira.

Vinha pelas encostas. O sol desaparece no cabo do horizonte. As fôrmas e as linhas vão-se indifinindo, tocadas do sonho do crepúsculo, a pouco e pouco. Parece que estenderam sobre a paisagem um finissimo véu de seda, de cores máveis e indicisias.

Margarida e Leonor acabam de banhar-se na ribeira.

Leonor — 16 anos, puberdade a despontar — está de pé, dentro da água. A água sobe-lhe até à cintura.

Margarida — 19 anos, adolescência em flor — já vestida, na relva da margem, na attitude de quem vai a afastar-se.

Leonor — Vai o mais depressa que puderes. Tenho medo de ficar sózinha muito tempo.

MARGARIDA — Não demoro nada. É chegar e voltar...

(E deita a correr, na direcção da casa de campo).

LEONOR (vendo-a partir, mergulha o torso na água, abandona-se às suas lépidas carícias. A água sobe. — Sinto-me tão bem cá dentro! (E num estremecimento, que parece percorrer-lhe a lóda): — Ah!... Aah!... Como a água está morna!...

(Ouve-se muito perto, na outra margem, um remexer de fôllhas, e logo como um ruído de passos que se aproximam).

LEONOR (assustada) — Alguém aqui perto!... Podem vêr-me despida... Que medo!

UMA VOZ — Não te assustes, linda adolescente. Não te faço mal. (E uma cabeça de homem desconhecido mostra-se entre os ramos do salgueiro).

LEONOR (querendo fugir, indignada) — Que atrevido! Estava aí a espreitar-me!...

O DESCONHECIDO (entre os ramos do salgueiro) — Sossiega. Não te tocarei nem com um dedo sequer. Quis apenas vêr bem o teu corpo. É fresco como a água da serra e virgem como uns olhos de criança!

LEONOR (sentindo-se presa por uma fôrça incôgnita e invisível, cobrindo o rosto com as mãos) — Que vergonha! Que vergonha!... (E chama em altos gritos): — Mar-ga-ri-da!... Mar-ga-ri-da!...

O DESCONHECIDO (rindo, benignamente) — Ela não ouve; é inútil chamá-la. Acalma-te e continúa a banhar-te. Nada tens que temer.

LEONOR (com as mãos nos olhos, aflita) — Não sei quem me fala... Eu não o conheço! Mas o que é que me prende? Quero fugir e não posso!... Faz-me o favôr de retirar-te...

O DESCONHECIDO — Descobre os teus olhos, linda corça tímida, e não recies encarar-me. Já te não lembras de que ainda agora me invocáste?

LEONOR — Eu?!... Não o conheço, já disse! Pergo-lhe que se vá embora e que me deixe vestir.

O DESCONHECIDO — Então, não disseste baixinho, só com o teu pensamento, ou melhor, só com o teu desejo: — «E se esta água que me enleia, fôsse um moço de braços fortes e lábios cáldios! Se nesta água habitasse, vivesse encantado, um príncipe formoso e ardente, como muitas vezes me contaram nos serões da minha infância!... Oh! E se êle se desencantasse agora, e me prendesse nos braços fortes, e me enxugasse ao lume dos seus beijos...»

LEONOR — Mente! mente! Eu não disse nada disso! Não pensei nada do que está dizendo!

O DESCONHECIDO — Ouvi-o com os meus apuradíssimos ouvidos de água. Mal êsse capricho se esboçava no teu cérebro, que já todo o teu corpo mo confessava, como quando uma flor ou uma fôlha cai na superficie dum lago, e logo todo o lago vibra, em pequenas ondas imperceptíveis... Pois em sou êsse moço encantado que o teu desejo chamava, e que eu não acreditavas que existisse. Mas não pretendo enlaçar-te nos

meus braços, nem enxugar o teu corpo ao calôr dos meus beijos. Surgi apenas para vêr-te...

LEONOR — Mas é incrível! Mas é absurdo!... Estarei a dormir ou estarei acordada?

O DESCONHECIDO — Não sonhas, não. Abre os olhos e vê. Ensinar-te-hei segredos maravilhosos.

LEONOR (tirando as mãos dos olhos, a medo) — Ah!... Mas não me faça mal. Prometa que não safrá daí.

O DESCONHECIDO — Descansa. Eu, que tu vês, vivo, há muito, encantado nesta ribeira; e retomei por um momento figura humana, mercê da tua invocação. Que, noutros tempos, eu já fui homem. Hei-de contar-te a minha história... Mas, por agora, fica-o sabendo: nos encantamentos que ouviste na tua infância, havia muita e muita verdade.

LEONOR (já formalizada e curiosa) — Mas como é que pode ser? Hoje ninguém acredita nisso!...

O DESCONHECIDO — Eu sei que alguns homens, tidos por sábios, tem negado os encantamentos; e que os outros homens, pobres ingénios, todos acabaram por lhes dar crédito.

LEONOR (com admiração, muito interessada) — Compreendo! Por isso é que, ao banhar-me, eu sinto que a água me beija e me acaricia!

O DESCONHECIDO — Sim, os beijos que sentes, são os meus beijos; as carícias que te envolvem, as minhas carícias. Mas não te bastam, mostráste-o bem.

LEONOR — Não, não. Foi uma ideia que me passou pela cabeça... nem eu sei como. Oigo dizer que os beijos de que fala são um pecado!

O DESCONHECIDO — Muitas vezes. Um pecado galante que custa caro. Mas essa ideia que passou por ti, ligeira como uma asa, há-de acabar por fazer o teu ninho na tua alma.

LEONOR — Oh! não quero! não quero! Enxotá-la-hei.

O DESCONHECIDO — És muito nova. Inda não sabes bem o que queres. Contudo, escuta: Se puderes contentar-te com os beijos da água e com os do ar (que também no ar, e nas brisas, e nos aromas que andam no ar, há maravilhosos encantamentos), não tenhas pena dos beijos dos homens... desencantados. São saborosos, sim, não to nego. Mas o seu sabor, que é doce, ao principio, um bom número de vezes torna-se amargo. Ao passo que os nossos nunca se azedam...

Se interrompo aqui êste diálogo, aparente-



Também êsses sábios tem negado as bruxas e as feiteiras, e, apesar disso, elas existem. Tu mesma, que me escutas, és uma feiteira perigosa... sem o saberes!

LEONOR — Mas então, diga-me: Como é que sendo homem, pode viver dentro da água sem se afogar?

O DESCONHECIDO — Eu não vivo dentro da água... Operou-se uma metamorfose, isto é: uma transformação. Se lêres Ovidio, lá encontrarás como Atlas se transformou em montanha, Niobe em rochedo, Bylis e Aretusa em fontes, Narciso em flor, Filomela em rouxinol e Procne em andorinha. E imensas outras! Homero fala duma encantadora célebre, chamada Circe, que transformava os homens em porcos. Ainda hoje, muitas de vocês possuem êsse condão. E Dalila! Não sabes a sua história? Como ela fez do façanhudo Sansão uma criança inofensiva, cortando-lhe os cabelos?

LEONOR — Sim, sim... Lembro-me de ter visto... Foi numa fita de cinematógrafo.

O DESCONHECIDO — E houve uma jóven insensata e mágica chamada Omphale, que teve a habilidade de pôr Hercules, o terrível e forçudo semi-deus, a fiar na roca.

LEONOR — Quantos homens, ainda hoje, fiam na roca, enquanto as mulheres manobram ao leme!

O DESCONHECIDO — Pois aí tens como ainda hoje se dão muitas metamorfôses. A minha é recente, não data de muitos séculos.

mente fantástico e inverosímil (mas que foi colhido do real), pois mo contou muito em segredo a sua autêntica protagonista — hoje uma senhora muito distinta — é que dêste momento por diante, as recordações de Leonor são confusas e incoerentes. Lembra-se apenas de ter pedido ao seu misterioso interlocutor, devorada por uma curiosidade indomável, a história da sua vida e da metamorfose que o encantou. Mas não pode garantir se êle chegou a dar principio à narração, nem mesmo se accedeu ao seu desejo... Se alguma coisa lhe chegou a contar, apagou-se por completo da sua memória. Sabe, porque lho disseram depois, que Margarida a foi encontrar, desmaiada e sem acôrdo, caída na água, junto do salgueiro; e que, no dia seguinte, quando voltou a si, estava no seu leito, doente com 40 grãos de febre e delirante.

Teria ela sonhado tudo isto, e a aparição do desconhecido, e a singular palestra entre os dois, ter-se-hiam passado simplesmente no seu cérebro enfraquecido, como primeiro rebate dêsse delírio que depois se manifestou?

Ela afirmou-me categoricamente que não.

Ora; como duvidar das afirmações duma mulher formosa e gentil, que, mesmo quando mente, diz deliciosas verdades, ao contrário de tantíssimos homens que, nem mesmo quando falam verdade, merecem ser acreditados?!

FIGURAS EXCÊNTRICAS DA NOSSA TERRA

# O PROFETA MANUEL MARIA

UM HOMEM QUE RECEBE A INSPIRAÇÃO DIVINA E ESTÁ FAMILIARIZADO COM TODAS AS FÔRÇAS OCULTAS QUE A HUMANIDADE DESCONHECE

Há muito que os profetas e os apóstolos deixaram de prègar à humanidade doutrinas de bondade e redenção. Vivemos num século de descrença, de scepticismo: os scepticos nunca souberam escutar verdades maravilhosas. Troçam dos homens e das ideias. Um profeta, no nosso tempo, é um ente condenado. Ninguém o acredita. E o povo se não o apedreja, volta-lhe as costas, indiferente, desdenhoso e vai para a taberna, para o cinema ou para o café.

Um café não passa de um centro de demolição. Doutrina que entre as suas portas não sai de lá inteira. É dissecada, retalhada a pedaços, transfigurada. O mármore, sôbre o qual pousam as louças contendo bebidas mais ou menos excitantes, é uma mesa de anatomia onde se expõe cadáveres de ideias para autopsiar. Quando sai do café, a ideia, se era de generosidade e altruismo apresenta-se de egoísmo e crueldade.

O café constitui só por si o mais aguerrido baluarte de tôdas as oposições. É lá que se conspira contra a ordem estabelecida e se combinam os planos estratégicos das grandes revoluções; é lá que se criam as novas escolas literárias e artísticas e lá ainda se demolem sem dó nem piedade.

Talvez por tôdas estas razões o profeta tivesse escolhido o Café Itália para campo de operações. É freqüente encontrá-lo, sumido num recanto, meditabundo, tristonho, seismático porque no seu coração sangram tôdas as dores da humanidade.

Quem passa por êle e atenta no seu aspecto insignificante, não pode calcular que naquela alma se abrigam as intenções mais belas e generosas e no seu cérebro os pensamentos mais profundos. Manuel Maria é um pensador, um sábio para quem o mundo não reserva segredos. Na análise dos seres e das cousas inspira-o a mais alta sabedoria.

Entretanto, os freqüentadores do café a quem êle uma vez por outra dirige a sua palavra divina, não o tomam a sério. Troçam-no, vexam-no, irritam-no. E êle tudo sofre, encolhendo os ombros com indiferença,

porque o sofrimento não o assombra, porque êle sabe que os homens ainda não atingiram o grau de perfeição bastante para o compreender. Lá chegará o dia em que o entendam porque o mundo evoluciona e porque, segundo a sua frase habitual, «Deus formou a Terra para habitação do Homem e aperfeiçoamento dos corpos».

As suas parábolas, que passam agora pela inteligência imperfeita de quem o escuta sem a penetrarem, sem a fecundarem, são estranhas e misteriosas. Combatem, em regra, a vaidade humana para a qual o profeta encontra sempre um sorriso de comiseração, e tentam provar que nós todos não passamos



O profeta Manuel Maria

de uns pobre-diabos, joguetes de fôrças poderosas e ocultas, que não vemos, mas que êle, Manuel Maria, vê e aponta, indiciando num gesto de iluminado a atmosfera viciada do café.

— Bem as vejo — diz êle, olhando um ponto vago no ambiente impregnado de fumo de tabaco. — Vocês são uns ignorantes. Julgam que procedem segundo a vossa vontade e andam mandados, sim, mandados!

E um-dia que o abordámos submissamente, rogando-lhe a mercê de uma entrevista para a *Ilustração*, Manuel Maria sorriu e asseverou:

— Já o esperava, meu amigo. Você vem aqui mandado. Sim, vem mandado.

Tentamos contrariá-lo, mas êle não no-lo consentiu.

— Não me desminta — atalhou, autoritário. — O senhor não o sabe, o senhor não sabe nada, mas vem aqui mandado. Garanto-lho eu. Eles querem saber tudo, querem que eu lhes revele onde estão as fôrças ocultas. Coitados: perdem o seu tempo! Há cousas que lhe posso dizer, outras reservo-as para mim. Não posso, não posso dizer-lhas.

Dir-se-ia que o profeta é doído. Mas não é. Êle não tem aparência de alienado. Enverga uma gabardine côr de ervilha, usa a cara rapada como qualquer de nós, o seu olhar é sereno e calma a sua palavra. O que êle talvez seja é um verdadeiro profeta, porque êsses homens extraordinários que fundaram religiões e criaram doutrinas impregnadas de mistério principiaram quasi sempre como Manuel Maria: prègando loucuras que uns acreditavam, outros não, e vivendo na miséria.

Ora Manuel Maria afirmou-nos, num grande tom de naturalidade, que falava com Deus quando lhe apetezia. E como, cheios de curiosidade, quizessemos saber como conseguia chegar a essa intimidade com Aquele que tudo sabe e pode, êle sorriu e calou-se. Insatisfeitos quizesmos saber o que escutava êle do divino ente. E êle murmurou tristemente:

— Não posso, não posso dizer-lho.

Manuel Maria surpreendeu-nos um dia com esta afirmação arrojada:

— Sou uma reencarnação de Cristo.

— Ó Manuel Maria não blasfemes — rogámos-lhe, atemorizados pela heresia.

Mas êle encolheu os ombros e continuou:

— Já lhe disse: Sou uma reencarnação de Cristo. Isso que eles para aí andam a escrever não é nada, está muito longe da verdade. O único Cristo que existe em Lisboa sou eu.

Comprendemos que o poeta aludia à tragico-cômedia de Raúl Brandão e Teixeira de Pascoais.

— Eu é que sei escrever — prosseguiu. —

Eu é que sei o que devo escrever. Mas não escrevo tudo, porque eles andam à minha

volta para me roubar as ideias. O *Diário de Lisboa* tem-me furtado muitas ideias. Coitados, julgam que levam o segredo que está em meu poder... Iludem-se. O segredo está aqui.

E aponta para a testa.

Em seguida remexe nos bolsos e saca por fim de um monte de papeis, de entre os quais destaca um que desdobra cuidadosamente.

— É um artigo meu. Quere ler?

Lemos e apreciamos.

— Que tal?

— Achemos bom.

— Quere publicá-lo na *Ilustração*?

— Com todo o gosto.

— Então escreva, que eu dito-lho. O original não sai da minha mão...

E Manuel Maria ditou-nos este pedaço de prosa estranha, que reproduzimos na integra:

QUEM DOMINAVA OS POVOS  
NO SÉCULO I?

*O mesmo que nos tenta levar arrastados numa escuridão e que o corpo humano tem desconhecido até ao século XX. O mesmo! Os corpos humanos vão-se sacrificando uns aos outros, sem conhecerem a força oculta que os leva arrastados para a prática do mal, o mal que em compensação os acarreta para um abismo de sofrimento do coração. Pobres gerações desprevenidas de capacidade mental que o corpo humano leva no seu caminho! É ele que o desconhece em progresso e a mobilidade e dor para o seu aperfeiçoamento*

*directo na vida social em que os próprios animais nos teem dado lição no seu raciocínio para o bem das gerações que necessitam que os jornalistas escrevessem o que os corações sentem. Mas eles sofrem e não escrevem a dor e a mágoa dos habitantes do planeta Terra que magoadamente vão voando muito alegres as aves que no seu caminho desejam liberdade e o pão nosso de cada dia.*

Manuel Maria.

E calou-se a olhar para nós, a ver no nosso semblante o efeito dos seus conceitos estupendos.

— Compreendeu? — perguntou-nos ele.

— Perfeitamente.

Sorriu e disse-nos com benevolência:

— O senhor não tem coragem de publicar isso. Os senhores jornalistas nunca descobriram em mim o assunto dos seus artigos.

Protestamos.

— Ora essa! Então nós não descobrimos em Você um assunto maravilhoso?

— O senhor não sabe nada. Os homens andam a martirizar-se uns aos outros. O rico sacrifica o pobre julgando alcançar a felicidade. Coitado: desconhece a força que rege o corpo humano!

«Uma vez fui ouvir uma conferência à Universidade Livre. Só diziam asneiras. Levantei-me e disse a verdade, o que eles ignoravam. Não me compreenderam. Teem de passar muitos anos para me compreenderem. O corpo humano, por enquanto, ainda não está perfeito.»

Quando tem uma tirada mais profunda e extensa Manuel Maria parece ficar fatigado. Então encosta a sua face morena, muito trigueira e por barbear, à palma da mão e descansa.

Foi depois de um longo descanso que ele nos confessou, muito confidencialmente:

— Sei tudo quanto está para me acontecer. Vejo nitidamente as forças ocultas que me rodeiam no planeta Terra. Eu sou como Jesus. Ele sabia também que o iam crucificar, sabia que ia sofrer, sabia tudo. Também eu sei o que está para me acontecer.

Nessa tarde não nos disse mais nada. Esteve por muito tempo com a face encostada à mão, silencioso, meditando.

Quando nos despedimos, reparámos nos seus olhos negros e miudos. Estavam vermelhos. Manuel Maria chorava. Pobre Manuel Maria!

MÁRIO DOMINGUES.



Um instante flagrante do profeta Manuel Maria

# A CASA PORTUGUESA

## CASTELO DE VIDE



*O forasteiro que pela primeira vez vai a Castelo de Vide, é surpreendido pelo aspecto de nobreza que caracteriza alguma das suas mais antigas construções.*

*Dos interessantes exemplares aqui reproduzidos, um — infelizmente — já não existe, tendo sido substituído por banal moradia.*



A chegada de Manon a Paris

# CINEMA MANON (VERSÃO esprit français) de que a heroína do abade Prévost está imbuída, o intérprete masculino deixava muito a desejar bem como o con- junto que mais se assemelhava à interpre- tação duma farsa ofenbiquiana do que a um

# TOGRAFIA LESCAUT AMERICANA)

dos dramas mais pungentes, dolorosos e arre-  
batadores que um romancista jamais tenha  
gizado. Efectivamente, a figura complexa de  
Manon, figura enigmática mas natural, duma  
perfeita humanidade, tipo profundamente  
estudado de psicologia feminina e essa outra  
figura de tragédia desgarradora, o cavaleiro  
Des Grieux, figura que bem pode simbolizar  
a cegueira apaixonada do maior dos amores,  
necessitam de actores maravilhosos que as  
incarnem com igual porção de arte e de  
humanidade. Porque em «Manon Lescaut»  
não há o mórbido romantismo piegas da  
«Dama das Camélias», um dos monumentos  
românticos da palermeice lamecha universal,  
mas sim grande e dolorosa verdade no amor,

DESDE que os argumentistas do cinema  
enveredaram pelo cómodo caminho (có-  
modo para as suas imaginações gastas) de  
adaptar a torto e a direito quantas obras  
românticas e de teatro topassem, havia um  
certo número de assuntos previamente desti-  
nados pela fatalidade a serem a luz do écran  
cinográfico. Supondo que o cinema é apenas  
uma nova forma de ilustração, o que é certa-  
mente um dos mais crassos erros de visão,  
tornava-se lógico *ilustrar* pela imagem, tra-  
duzir nesse novo *colapuck* universalíssimo  
do celulóide, as mais consagradas obras da  
literatura mundial. E assim, «D. Juana», «O  
Mercador de Veneza», a «Iliada», «Nibelun-  
gen» e as muitas versões de «Três mosque-  
teiros» e «Dama das Camélias». Deste pe-  
culoso de adaptação tem os cineastas ameri-  
canos as menores culpas. Os que mais re-  
correm a esta maneira de *errar o cinema*,  
são, precisamente, os povos de civilização  
mais literária, franceses e alemães, que à  
falta de melhor despejam nos mercados, con-  
tinuamente, os seus produtos, difficilmente  
classificáveis, oscilando entre «legendas ilus-  
tradas» e «imagens narradas por legendas».  
Estão assim, o mais longe possível, do cine-  
ma puro, cinema integral, lógico, rati-  
onal. No entanto, algumas dessas  
adaptações tornam-se notáveis pela  
propriedade da sua *mise-en-scène*, pela  
interpretação ou pela própria beleza  
da obra, que supera todos os comentá-  
rios e fornece matéria cinematográfica de  
formidável importância. Tal o caso de  
«Nibelungen» e «D. Juana» que Lisboa  
já conhece e tal o caso também da  
versão americana do romance do abade  
Prévost «Manon Lescaut» que o nosso  
público em breve admirará.

Da grande obra romântica que é a  
vida da pecadora Manon Lescaut tinha  
sido extraído já um argumento que os  
alemães filmaram e que vimos inter-  
pretado por Lya de Putti e Wladimir  
Gaidaroff. Mas, na verdade, tal reali-  
zação era pesada, lenta, germanizada e  
se Lya de Putti, pela sua beleza e per-  
versidade instintiva, supria a falta de



Manon  
e o cava-  
leiro  
Des Grieux

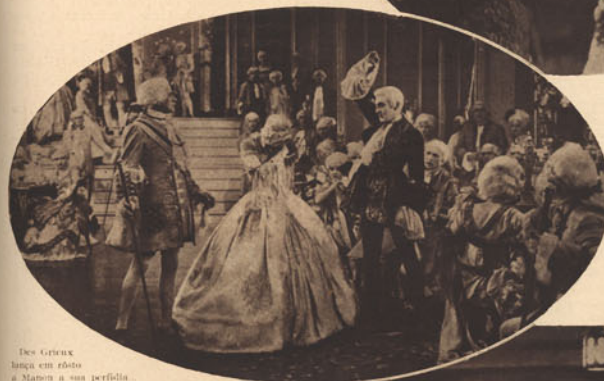


Manon,  
perfidamente  
apresenta

Des Grieux  
na equívoca sociedade  
que frequenta...



O cava-  
leiro  
Des Grieux  
ante a rible de ardis  
em que o envolvem...



Des Grieux  
lança em stóto  
a Manon a sua perfidia...

realizações e foram os americanos,  
defendendo o seu filme com o luxo  
mais delicado e com uma formidável  
interpretação, que conseguiram a  
«Manon Lescaut» mais próxima do  
subtil espírito da obra do Abade  
Prévost, escolhendo a formosa Do-  
lores Costello para a protagonista  
e o genial artista John Barrymore  
para personificar a figura cheia de  
beleza do cavaleiro Des Grieux.

Des Grieux acompanhando Manon  
no degredo, luta para a defender...



na traição, no sacrifício e no embuste, na  
baixeza e na dignidade, no sofrimento e na  
abnegada dedicação. Além disso, o ambiente  
da época, cheia de luxo e elegância, frivoli-  
dade e um doce e perfumado sensualismo,  
não podia ser dado pelos austeros arqui-  
tectos, decoradores e realizadores alemães,  
desconhecedores de tudo que seja subtilidade,  
meia tinta, leveza e graciosidade, substituín-  
do, na generalidade, o rictus pelo esgare, a  
*charge* pela caricatura grosseira, o encanto  
pelo luxo esmagador, o drama pelo melo-  
drama. Só um grande cineasta francês po-  
deria, na verdade, realizar esse filme ideal que  
fosse a crónica viva, animada, da existência  
bulhosa, risonha e trágica a um tempo da  
Manon Lescaut, essa figura tão eminentemente  
francesa que se tornou universal. Mas  
a França não tem ainda a *capacidade cine-  
mática* suficiente para arcar com tão pesadas



GOYA — A Terra

A Espanha celebra agora o centário da morte do seu primeiro rei representativo: Goya.

Sonhos e heróis, miticos e descobridores, poetas e dramaturgos, novelistas e esculptores, de todo este terra maravilhosa Espanha na assombrosa tragédia de sua História: El Cid Campeador e Infante de Loyola, Santa Teresa de Jesús e Herman Cortés, Quevedo e Calderón, Cervantes e Juan de Méjica foram revelando através de serrilhadas e de cantos, de folhetos e de páginas, de dramas e imagens, o espírito dum povo com tanta variadas facetas e tão mais complexas virtudes. Cioso, porém, o espírito espanhol chegou à sua máxima expressão, profunda em intensidade, vibrante em colorido, magnífico em melancolia, claro em intenção, foi nas grandes mestrias da sua pintura. E o Grcvo couo o seu sensualismo ardente abraçado em mitica; e Velázquez, todo dignidade, todo magnificência, todo razi; e Ribera, nas altas comecípios dos seus sonhos de arte martirizada no doutro da verdade e de delogios contados; e Manillo, um contemplativo em lirico, na humana religiosidade dos seus digitos; e Zurbarán, Alonso Cano, o divino Morales, etc., etc. ressoando cada um d'elles nas características da sua sensibilidade, numa nova fédm, um novo vigor. Mas Goya revellou, exaltando a Espanha luminosa, polêmica, movida, descontente, a Espanha mulher, a Espanha povo, a Espanha pátria, e o seu pintor mais representativo.

Nargido num período sombrio da história da pintura espanhola, marca um ponto de ligação, esquilizante, entre a pintura do passado e a pintura do futuro. Quando se vê e se compreende Goya, vâ-se alargando os limites da obra dos seus antecessores; e, quando se vê e se compreende Goya—nunca foi tal visto e compreendido como na nossa época—distingue-se o ponto de partida de toda a pintura moderna. E sua face de luz a esclarecer o passado e a iluminar o futuro com todo o valor universal da sua vida pictórica.

# UM GÊNIO DA PINTURA NO CENTENÁRIO DE GOYA

capítulos facilmente impressionáveis, sensibilidade epiléptica e superficial, aplicam frequentemente perante um quadro de Goya a palavra alucinado ou histérico. Alucinado ou histérico são convulsões da superficial e epilépticas como podem ser os seus espíritos facilmente impressionáveis. A obra do pintor de Carlos IV é racheada; é ponderosa, é alta visibilidade, é harmoniosa e célebre. Há convulsões, e violentas convulsões, mas não tão fortes, melhor, tão intransigentes, tão indomavelmente profundas que chegam de fora amarranhadas pela inteligência, pelo saber, pela compreensão e no homem apresenta-se, não como he saem, mas como se quer apresentar. Buroso, obscuro, impulsivo, foi um dos pintores de mais instintivo delicia e refinamento. O temperamento delicado e melancólico. O temperamento inventivo, mas a vontade anodada. E em caso de disciplina. Em Goya não há irregularidades; há novas formas, há não devios; há rompentos, há nova luz.

Opinamos: «Sempre lhas—dizia—e nunca corras. Mas, onde se vêem essas lhas na natureza? He só vejo corpos que estão lhasmados e avosam que não estão lhasmados; planos que avosam e planos que recuam; relevos e profundidades. A minha vida não desceve lhas, nem detalhes. Não conto os pêlos da barba do indivíduo que passa, nem os dedos nos bolbos do feto, e o meu pincel não desceve os detalhes, feroz, illustrativo, ao trêzido da natureza, feroz, cênico, místico.

«Nada! Nada! Ideas sublime, vastas, romantism e omissões vastas. Goya, que estava vivo e surdo, pergunta a um dos presentes o que é o prelado discreto. —Ah!—exclamam quando o sonho—Ah, pobre, illustrativo, que mal me comprehendo! O meu espectro quer dizer que fita um

vêm detalhes no conjunto e fosse detalhes são quasi sempre falsos e convencionais. Se mostrassem a natureza, que é a única mostra do desenho, evitariam aos Jovens dispostos o trabalho de tragar durante dois anos, olhos com figura de anafadas, ideias com forma de arco ou de coração, narizes como setas invertidas e calvegas ovaladas. Goya, infelizmente certamente, pelo devotar das doutrinas que mais tarde devia trazer a revolução francesa, nunca foi um crente; foi sempre um sceptico.

Laurencio Mathéron, um dos seus legítimos francezes, conta-nos a seguinte anecdotia que marca bem este aspecto do artista: «Um dia, o bispo de Granada foi visitado à sua casa de campo. Mal entrou, o reverendo pebeço separou num quadro onde appareo um espectro saindo da tumba e trazeudo na mão uma página em que os seus olhos cansados não podiam ler a palavra: Nada! Vários fantasmas de formas indistinctas encimam o fundo da tela, destacando-se um d'elles que segurava uma balança com os braços vazios e voltados para baixo. O bispo, que se devere a contemplar esta composição, exclamou:

«Nada! Nada! Ideas sublime, vastas, romantism e omissões vastas. Goya, que estava vivo e surdo, pergunta a um dos presentes o que é o prelado discreto. —Ah!—exclamam quando o sonho—Ah, pobre, illustrativo, que mal me comprehendo! O meu espectro quer dizer que fita um



GOYA—A família de Carlos IV

vigiam à eternidade e que não encontraria nada por lá.

Se fosse um corpo crente, e forte sensuoso que se agita através de lhas a sua obra, levitaria o sacrifício a curra; assim, amalgamado em volúpia, em elegante e transparente volúpia. Um Goya sensual e crente tomaria o caminho do Grcvo para chegar a Deus; um Goya sensual e sceptico aproximou-se da mitologia pelo caminho do Homem.

Mé aos quarenta annos, Goya foi pintor indolente, irresoluto, de crenças. Depois de ter estudado conscientemente os grandes mestres, italianos e espanhols principalmente, deixando-se por vezes influenciar por elles—há na Academia de San Fernando, em Madrid, um retrato esquivo de Fernando VII, de puro corte vhaquiano—é que Goya se apresenta como um inventor. Dal he a sua eterna actualidade. Com um profundo conhecimento das antigas normas, não se rompet, nem fôrçoz, continuando, abstrahindo novas camilhas que já vto atravessando séculos.

## UM ARTISTA MODERNO EM FACE DE GOYA

Alonso Negretos, pintor português, que com geral reconhecimento lidoico, é o valor posterior melhor situado dentro das modernas tendências da Arte, deu-nos para a Portugalza as seguintes impressões sobre a obra do grande pintor aragonês:

«Não é ôto o momento proprio para fazer sobre Goya o pòblico. O conhecimento da sua obra já está para além das curiosida-

des provocadas pelo centenario da sua morte. O publico não pode ir nestas coisas mais depressa do que como publico. Pela minha parte, não posso prescindir da atenção em que estão todos osseus. Porém, o melhor é falar claro: Goya é um génio; não há dolo. Vejo-o através das suas biografias, em cada encançado ponto de vista differente, episodos, paradoxos, contradições, e no entanto Goya resiste a tãta espécie de biographia e subjea enormemente de lhas as admirações convergentes no seu nome. Na verdade, ele é, finalmente, muito mais humano do que o deesjam os seus admiradores,



GOYA—A Mãe e o filho

des, por isso mesmo, as suas frequêzes cênico encerradas nas suas lhas e os seus propósitos desmentidos e em la passo e a cada passo

prio Goya. O pintor lançou de verdade a sua arte e, uma vez encontrada esta, o autor parou e derredado. Ideias Goya no seu tempo, por esta forma: A multidão tomada de pânico não sabe sequer para onde fugir e nasce indolente numa vez levantando o dia sim plicemente: Não é nada! Aqui estamos! Essa voz que se faz ouvir pelo multido em pânico é a de Goya. A multidão sempre distinguindo as palavras de Goya: Não é nada! Aqui estamos! Com effeito, a multidão ao reparar onde está, agustoso. Não tem tempo de reparar donde vem e para onde led e onde está. Goya lha lido. E não tem effectivamente Goya a importância bastante para fazer como Cristo numa nova era, porém, assim como o alveto de Cristo foi languidamente preparado por uma série interminável de homens familiares em sua mesma cidade, assim também para a próxima futura era da humanidade o nome de Goya ficará entre os seus perennos como o primeiro em antiguidade e valentia. Foi he quem acorreu ás lhas de mundo para a actualidade. E he quem muniu! Libertando a vida de todo o seu estado anterior de litteratura, collocando o homem em frente das comprehensíveis ficções das suas lhas antecedenentes, lido é, obrigando o homem a ser lha com os seus próprios sentidos, os quasi não são, de maneira nenhuma, ligadas aos dos seus pais.



Goya—Autorretrato

venções por uma personalidade que é a sua e a qual pôe K. O. a todo o momento o prí-

GOYA—Um fragmento de J. de Meló

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



A SÉ DE VIZEU

# SOCIEDADE ELEGANTE



(Foto San Payo)

MADAME ENRIQUE MOLINA

FORMOSÍSSIMA SENHORA DO CORPO DIPLOMÁTICO, ESPOSA DO ILUSTRE HOMEM DE LETRAS E REPRESENTANTE PLENIPOTENCIÁRIO DE CUBA



# FEMININA



M.<sup>lle</sup> Miller, com um lindo chapéu em crina de fantasia «bois de rose», aba revirada e guardaneta de veludo lavrado, prego de fantasia. Criação Alexis

(Foto H. Manuel)



Outra criação da Cora Marson; um chapéu que tende para o feltro capeline, feito em palha souple com fita e «choux» de seda liberty num tom beige mais escuro do que o da palha

(Foto G. L. Manuel Frères)



Criação de Cora Marson. Um chapéu que chega a ser original pela bizarría dos enfeites de palha entrançada

(Foto G. L. Manuel Frères)

A frescura, a graça, a mocidade dos trajes de verão que Paris exposta para todo o mundo, estão representadas nas fotos que ornam esta página e que são exclusivamente fornecidas à *Ilustração* pelas grandes casas parisienses de modas e de fotografia de arte que também teem a seu cargo a parte fotográfica de elegâncias e

modas para a grande revista feminina portuguesa *Voga* que todas as senhoras *chic* devem ler assiduamente. Só com este pesado encargo e não se furtando a esforços é que, tanto a *Ilustração* como *Voga* e *Magazine Bertrand*, as mais belas publicações da lingua portuguesa, conseguem manter a supremacia absoluta e incontestável.



Um sumptuoso modelo de Alice Bernard que oferece o interesse da súa ser toda em folhinhos minúsculos de tule negro

(Foto G. L. Manuel Frères)



Modelo cheio de graça juvenil lançado por Martini & Armand em crêpe da China estampado cinzento e amendoa

(Foto G. L. Manuel Frères)



Um vestido de noite em taffetà beige todo em folhos largos, cortados em redondo, lançado por Alice Bernard

(Foto G. L. Manuel Frères)

# VIDA CIENTÍFICA

## AS ENGUIAS DO PACÍFICO



O lago Vaïiria

Parece que há uma só espécie de enguias em toda a Europa. Fazem, como é sabido, a sua reprodução no meio do Atlântico, no chamado Mar dos Sargaços, e de lá emigram, muito novinhas, quasi tão delgadas como fios, vindo povoar as nossa correntes luviais, até às mais modestas ribeiras. São todas, como disse, pertencentes a uma só espécie; mas já não succede o mesmo com as que habitam o Oceano Pacífico e o Mar das Índias. Assim o declarou, num estudo recente, o sr. Johs Schmidt, do laboratório Carlsberg.

A classificação do sr. Schmidt baseia-se na contagem das vértebras e na dos raios das barbatanas. Percorreu, à pesca de enguias, a Austrália, a Nova Zelândia e as ilhas Taiti. Só aqui encontron três espécies: *Anguilla obscura*, *Anguilla megastoma* e *Anguilla mauritiana*.

As enguias de Taiti são extremamente abundantes, povoando rios, ribeiros e charcos, e alcançam dimensões consideráveis. Chegam a ter dois metros de comprimento e meio metro de circunferência. E como não

existem na região animais bravios de grande corpulência, e as enguias são tantas e tão volumosas, os contos e lendas populares tomam-nas para assunto de predilecção. Há famílias que afirmam contar enguias entre os seus antepassados.

As três variedades de enguias taitianas vivem em condições diferentes. Nas águas estagnadas encontra-se quasi somente a *Anguilla obscura*. As outras duas espécies povoam as ribeiras. A *Anguilla megastoma* prefere os fundos lodosos; a *Anguilla mauritiana*, os fundos de seixos e de areia. Em ambos os casos, o peixe toma a cor do leito das águas, e com este se confunde.

As fêmeas são muito maiores do que os machos, como é o caso das enguias europeias, e a reprodução faz-se no mar, não se sabe se no mar largo, se nas vizinhanças da costa. As enguias novinhas entram pela foz dos rios e penetram, pelos regatos, até à região central, montanhosa, da ilha. Dizem os indígenas, a propósito da *Anguilla megastoma*, que ela deixa os ribeiros e desliza pela floresta virgem saturada de água.

A verdade é que se encontram no lago Vaïiria, situado no meio das montanhas. Supõem os indígenas que se trata de enguias pertencentes a uma outra espécie, caracterizada pela sua grande corpulência e por possuírem orelhas. Por isso aconselham os taitianos que se fale baixinho para que elas não percebam o que a gente diz. Mas o sr. Schmidt desiludiu-os a esse respeito. As celebradas enguias do lago são exemplares das duas espécies, *A. megastoma* e *A. mauritiana*; as chamadas orelhas não são mais que duas barbatanas situadas por trás da cabeça, uma de cada lado, que no peixe adulto se tornam mais aparentes, por adquirirem maiores dimensões e serem mais carregadas em côr.

As enguias de Taiti alimentam-se de peixes, de crustáceos e mesmo de ratos. Devoram também as criações de gansos domésticos; e por isso, e por necessidades da própria alimentação, os indígenas dedicam-se à sua pesca, que realizam-se, servindo-se de harpões.

F. MIRA.



Pescador taitiano com seu harpão

(Do livro *Faça dos miserandos*)

Passante era sómente a madrugada, e, Lyconius, abandonou o seu leito sem conviência. Dissipou o sono, que ainda lhe cerrava as pálpebras, banhando-se numa água cristalina e fresca. Depois, cingiu ao corpo a túnica leve; segurou nos ombros, com duas fíbulas, a clâmide quente; e, saiu da casa paterna, como era seu hábito. Seguiam-no os mestres e os escravos; e estes, levavam nas mãos atenciosas, os instrumentos das suas virtudes: os rolos das sentenças dos sábios e a lira de quatro cordas. Porque Lyconius formava a sua alma pelos preceitos da filosofia e preocupava o seu espírito, com as surpresas da ciência. Mas não descuidava o corpo, ao qual dava os mais nobres exercícios. Frequentava o gymnásio, onde, como Mercúrio, ao sol e à chuva, fortalecia os membros nos rudes exercícios do pentatlo: salto, pareo, luta, pugilato e disco. E se bem que todo preocupado com as máximas dos filósofos, cultivava a música, tal Apolo por ser esta tão útil como os raciocínios e a ordem das *ideas*. A pesar de, como Castor, ser exímio em dominar os cavalos tessalios, era cuidadoso, durante a paz, de estudar as astúcias da guerra.

Lyconius caminhava à beira mesmo do Golfo Saronico. E, como visse que perto da margem, um barco liburneo boiasse, aproximou-se. Os seus dois renques de remos, pendiam, inertes, do casco arredondado e estalante. Os homens, embalados pelo arfar da embarcação, descansavam, antes de remar para Eleusis. Alguns dormiam, dando-se as mãos; outros, olhavam, tristes e silenciosos, as verduras espessas da Attica e da Megarida.

Então Lyconius, rodeado pelo seu sequito, falou aos mareantes. Preguntou-lhes se, até Salamina, os ventos lhes haviam sido propícios. Os homens deram-lhe notícias favoráveis, e, um deles, de cujo cingidouro pendia uma lâmina bota e um saco onde tinham medimnes, perguntou a Lyconius se queria comprar-lhe um escravo magnífico. E mostrando-lhe um homem novo, lívido e dócil: «Os seus músculos são tão fortes quanto as suas mãos são hábeis. Sabe sarar. É de Chio. Trás com ele um cofre com matrizes de várias cores, fios de linho especial para as chagas, ligaduras para os emplastos, uma sonda para os ouvidos, várias seringas, pinças para os dentes, e, um trado para o trépano. Dir-se-ia discípulo do divino Asclepius. Vê como é belo! A sua beleza é imaculada; portanto, o seu corpo é sadio. É de Chio, que se bem consagrada a Venus, é célebre pela con-

tinência dos seus naturais. Lembra-te que é a pátria do poeta Jono, do historiador Theopompus, do sofista Theocritus, do filósofo Metrodorus! E, se eu te exulto a nobre raça de Chio, é porque trafico, tanto nos seus escravos como nos seus aipos, que os gregos sem mim não conheceriam, porque só lá crescem. Vender-te-hei este escravo por um preço indigno!»

«E, como Lyconius parecesse interessar-se, o traficante e o escravo, que se chamava Combabus, mergulharam as pernas na água límpida e aproximaram-se. O escravo, que aparentava trinta anos, estava descalço. O vento suave de outono agitava-lhe, sobre a testa inteligente, os cabelos negros e ondeados, e, sobre os ombros airosos, a túnica rasgada, revelando-lhe a carnção sã. Segurava sob o braço direito e facilmente, a sua arca de utensílios. E como Lyconius o comprasse, afastaram-se todos, seguidos do chatim que buscava o dinheiro.

E o velho rapsodista, à sombra dum figueiro, estava contando aos pastores de Salamina, o romance de Lyconius.

Quando todas as manhãs, as auroras descobriam o esplendor do mundo, o aedo sorria à voluptuosidade permanente da Terra, e, na sua cabeça, banhada pelo ar feliz, reunia para dizer aos homens, as fábulas de Pan, os mitos da Arcadia, os prodígios das aljavas de Creta, e, os processos infalíveis da caça. E sob o azul torrido, caminhava, como os heriares errantes. Quando a noite lhe trazia na sua taça amiga, o doce narcótico da paz, adormecia em qualquer lugar, por saber instáveis todas as moradas, como todos os homens. Quando amara fora desejado; nesses tempos então, era indispensável, por ser amado. Não contava ele tantas lendas! Não sabia ele,

dos avós e dos deuses, como dirigir os alfeires! Não era ele quem facilmente separava, sem destem, as derriças dos atletas e dos pastores!

E o velho rapsodo continuou:

— Pouco tempo depois da compra de Combabus de Chio, fui liberado pelo amo benévolo, que após me haver tocado com a festuca, me abraçou. E então, segui mais de perto todos os seus movimentos. Eu não quisera partir; deixá-lo. De liberto a escravo, não havia, para os que serviam Lyconius, uma sensível diferença. Ele era bom como Jupiter e justo como Zeus.

«Quando Combabus, nessa tarde, foi por mim levado à presença do seu novo senhor, depois de silenciosamente ter comido nas cozinhas, o amo sandou-o amigamente, do seu leito de repouso, e disse-lhe: «Combabus, comprê-te, não para te sujeitar às penúrias regulares dos escravos, mas, porque cultivando eu, e, tendo em principal apêço todos os esforços mentais, pudesse abrigar sob o meu tecto um estudioso mais.»

«E Lyconius e Combabus, estreitamente ligados, frequentavam os festins; passavam os dias discutindo as regras dos remédios e as fases das enfermidades. Outras vezes, por mim acompanhados, percorriam os prados, para colher as ervas que suavizavam. Meu amo abandonava os exercícios condignos; cessava de frequentar o gymnásio; era em vão que, pela hora tranquila do crepúsculo nocturno, eu lhe toava as cítaras meliodias. Vivía sob a febre devorante de descobrir a razão da vida. E eu que assim o via, transfigurado pelo estudo da espargaria, e atontado pela meditação, participava das suas desditas; tentava suavizar-lhe as alucinações, rodeando-o dos prazeres regulares à sua mocidade. Mandei vir de Tyro, com grandes trabalhos, virgens da maior beleza, e, doutras províncias da Phoenícia, manebos soberbos e adestrados. E, em todos, Lyconius estudava sómente as anatomias. Vejam meus

filhos, quanto eu sofria, assistindo à doideira do meu bom amo! Combabus, sabido em alquímia, e, que então rodeava o corpo robusto com uma túnica de seda e um manto pintado, secundava terrivelmente os desejos de Lyconius. E orgulhoso e poderoso, ignorava a nudez da sua nascença as delícias da mediocridade: o prazer de passar entre os homens, inapercível pela modéstia, e, levando quietamente no coração, as bênçãos serenas dos deuses. Assim, sobre este campo vasto, a sombra insignificante desta tenra árvore é tal uma ilha sobre um mar imenso. Porque não quedarmos sob o seu abrigo rota-



tivo?! Quem sabe se um grande abismo nos não separa da outra sombra, do outro acólho, que muito além nos espera?! Depois, a noite virá; a noite, abolindo as sombras! Se a lua vos não iluminar o caminho, não podereis dela saír. Contudo, podereis deter-vos na sua treva. De que vos serve, quando o céu é benigno, procurardes um leito aqui ou ali?! Não está a terra, o musgo, a herva, recebendo os vossos pés?! Caminhar ou ficar na solidão, é igualmente insensato e gostoso, desde que caminhéis solitários e ignorantes; sem vos debruçardes sobre as dores e sobre os regosijos...

E o caminhante afável, rodeado pelos pastores atentos, mudou de assento, porque a sombra do figueiro se modificára, pelo sol ainda forte.

Os rebanhos pastavam sob o céu antigo, nos prados sem homens hostis. Dos vales cingidos de outeiros, emergiam os cumes dos choupos, parecendo querer usurpar o céu. O rechinar dos pinheiros musicava o silêncio, e, as copulinas alvas dos jasmims, que por elles subiam, perfumavam o ar ameno. O velho cantor, prepassou as mãos calmas pelas barbas brancas; descobriu os lábios sem malícia, como era seu hábito, antes de cantar aos homens, nos lares e nos campos, as canções dos heróis e dos deuses, e, retomou a sua história:

— Lyconius propunha aos mestres os enigmas da vida. Abandonára as calmas meditações. Despedira os tutores que o haviam iniciado no profundo Pythagoras. Da Parménida vinham então as vozes tentadoras dos sofistas. Os ensinamentos de que tudo é aparência, de que não há razão de crer em coisa alguma, de que toda a filosofia é falsa, entusiasmaram o meu bem amo. Em vez de cultivar o espírito, único acontecimento que nos possa beneficiar, para torná-lo forte e hábil, Lyconius, que desprezava os próprios sofistas, para mofar as filosofias, e, Combabus, que se amolecia no conforto da sua purpura torçalada, procuravam no corpo humano as harmonias iniciais da existência. Eu chorava olhando o Hades; mas como poderia eu ver o céu, se os meus olhos estavam rasos de pranto?! Os homens néscios, que se julgam sábios e os inteligentes que não pretendem saber, são igualmente felizes. Lyconius, porém, era infeliz, porque não pertencia a estas duas condições. Como poderemos nós compreender o que é misterioso?! Para que inquirir se a mão amiga que hoje nos socorre, nos não aniquilará um dia?! O mundo acaba com os homens, por ser a sua realidade só dependente do seu pensamento. Mas ouvi, ouvi, para proveito da vossa mocidade, o tristíssimo romance de Lyconius:

«Lyconius não podia esquecer o que já mais saberia. Não era o amor a origem humana? Não era o homem a origem do pensamento? Pois bem, Lyconius procurava insensatamente a razão de ser do homem. Os meus ouvidos conteem, até à morte, os gritos lan-

cinantes das suas vítimas. Era em vão que eu espargelava, sobre os mosaicos, a mistura de alfabar, feita de benjoim de alfazema e de junça, para dominar o cheiro pestífero dos cadáveres estripados. De noite, na grande álea, onde cumplicemente os enterrava, perto das raízes dos ciprestes, eu julgava ver as suas formas errantes e infelizes. Parecia-me ouvir-lhe os lamentos juvenis. Depois, um dia, o aldrete Combabus fugiu, cpulento e provido. E Lyconius, sobre o taburno intolerável, ensanguentado pelas vísceras humanas, procurava sempre, apressado e torturado, o início da vida. Quando a sombra invadia a câmara, eu ia, então, confrangido e horrendo, buscar luz, e, permanecia a seu lado, renovando-lhe os fanais e

interrompeu o velho:—Porque nos não cantas, como é teu hábito, os sucessos do joven Aylas e as lendas da ilha de Latona? Ou então, ensina-nos novamente os processos de tornar a lâ mais abundante e alva. Quais são os pastos salgados convenientes ao melhor leite?

E passou o arco pelas cordas do seu arrabil, e, os sons dominaram o estridor dos galhos embalados. As melodias perdiam-se no dulçor da tarde, como todos os prantos, os risos e as esperanças. E os outros pastores que rodearam o tangedor, esqueceram-se do velho e do romance de Lyconius, ao passo que os rebanhos iam pastando aservas succulentas, matizadas de trombónios e de malmequeres. Um deles tinha nos braços, um cordeiro de três meses; e, olhando o amigo inspirado, ora acariçava a lâ finíssima do recental, ora a fronte moça do tangedor; e, ambos se contemplavam sem temor. Philanisia, Krisa e Mirtis haviam chegado, depois do dia passado sedando linho. E Krisa e Mirtis, assentaram-se enlaçadas e abraçaram-se, descuidadas, felizes, gargalhando... Os tojeiros que passavam distantes, detinham-se, escutando, tristes e cançados; pensando no lar e na família faminta, sob o peso dos grandes molhos folhentos e glaucos; e, quando retomavam o caminho penoso, vergados, pareciam moitas pujantes que se deslocassem. E olhando os anhos que retocavam brícios, Philanisia correu pensativa e terna para Hermius, que era belo e bom; que nem sequer guardava um rebanho, mas o armentinho dos pais pobres. Levava nas mãos braçados de herva e anémomas húmidas.

O pastor tangia sempre o seu arrabil encantado, e, o amigo acariçava-lhe, ora a fronte, ora o cordeiro adormecido. Ele tocava porque Mirtis e Krisia se adoravam, e, porque Hermius e Philanisia, depois dum longo beijo, se contemplavam amorosamente, gravemente, sem pejo, porque o amor não tem, nem sexo nem termo. E Philanisia cobria Hermius de hera abundante, e, elle parecia uma estátua antiga e permanente.

E o velho cantor sorria, vendo os amorosos belos e livres, por serem as horas que de tecem o espírito, as únicas que fazem viver. E, ficou-se por um largo momento, ouvindo os sons suaves do arrabil. Pensou na sua mocidade, mas, como era velho, pensou docemente, antes de adormecer com os seus sonhos grandiosos e cosmogónicos; com o mundo no seu peito, possuindo o infinito, enquanto os noivos se afastavam pensativos e amantes. E sob o céu já estrelante, Philanisia, formosa sem alindes, desejava entregar-se a Hermius, sob a força perpétua e robusta sempre da renovação; sem saber ao mesmo tempo, porque lhe parecia embalar já um filho que lhe sorrisse e a torturasse. E metade do seu corpo moço pertenceria gostosamente ao amante, enquanto os seios tumidos nutririam a criança. — JAIME DE BALSEMÃO.



alimentando a mirra no tripode. Os escravos amedrontados e os companheiros verendos, haviam fugido... Decorreram já muitas olimpíadas desde que eu fugi também, valdeiro e confrangido. Pobre amo enlouquecido!... O homem que desdenha Eros, Pallas, Artemisa... não é caro às musas. Elas recusam-lhe as suas influências harmoniosas. Essas deusas de ilustres nomes, contudo, afluem aos amantes que choram ou riem, porque elles lhe imploram sempre os seus gloriosos mistérios. O amor!... As origens!... A sabença!... Ouvi; ouvi o romance de Lyconius; inspirei-vos na sua insensatez! Era eu próprio quem lhe afiava, sobre o incude, as flechas, que nos seus tempos lúcidos, serviam para prover a casa das carnes de veação e que então elle adoptava para rasgar os corpos formosos. Ora, eis que...

Mas um dos pastores que ouvira atento, assentado num tronco rimoso de hereira,



# OS NOSSOS ARTISTAS

(DESENHOS DE BOTELHO)

## ANTONIO GOMES

Temos nos nossos teatros dois actores com nome igual, resolvendo um deles acrescentar ao seu o complemento feito com a designação do teatro onde por largos anos representou.

É, pois, dêsse actor, do António Gomes, da Trindade, que eu vou occupar-me hoje, nesta página da *Ilustração*, que esta hospitaleira e bela revista, excelente publicação da livraria Aillaud, pôs ao meu dispôr, e que eu procuro não desfeiar de todo.

Este António Gomes, que vocês aplau-



dem e com cujas faccias em scena riem gostosamente, é muito mais actor do que parece à primeira vista.

Reparem nêlo, vejam-no em todos os pormenores de uma personagem, sigam attentamente o desenrolar de uma scena, e dar-me-hão razão.

Não estamos em presença de um actor que deseja apenas arrancar a gargalhada, seja como fór. Não, os seus feitos são matematicamente certos, porque obedecem a um calculo que nunca falla: a comprehensão da personagem e a incarnação do artista dentro dela.

É um estudioso, talvez dos poucos estudiosos artistas do género a que há tempos se dedica.

Especializou-se nos papeis de bebedo, mas não os faz à tôa, com mais ou menos bordos, mais ou menos tropeções.

Ele estudou o effeito do alcool no cérebro do homem, chegando a sua prohibidade artistica a levá-lo aos hospitais a vêr agir os desgraçados presos do terrível mal do alcoolismo.

Em geral, nos palcos, os bebedos são apresentados «de cór» — deixem-me servir desta frase para exprimir as realizações scenicas do acaso.

Mas reparem no António Gomes, quando êle é encarregado da adoração do Deus Bacho e hão-de vêr-lhe sintomas flagrantés, péchas justas.

Gomes tem desempenhado tôda a espécie de papeis e em todos põe as mesmas minucias, os mesmos detalhes de interpretação.

Não tem um olhar que não obedeça a um sentimento, não faz um gesto que não seja comandado por uma ideia, e tudo obedecendo apenas à psicologia da personagem que êle foi chamado a erguer no palco.

Eu tenho imenso prazer em prestar esta homenagem ao simpático grande artista, tanto mais que António Gomes vive apenas para a sua arte e para o seu lar, separado de tudo quanto seja a intriga e a caça a elogio.

## HORTENSE LUZ

Foi no *Az*, essa fábrica de gargalhadas, em que Alegrim era de um cómico inarrável, e ao lado de Ausenda, na *Chouquette*, que eu vi, pela primeira vez, Hortense Luz representar.

Foi ali no Gimmnasio, antes do incendio, no Gimmnasio das velhas tradições do Vale, da Jesuina, do Cardoso, do Telmo Larher, da Barbara e da Beatriz dos olhos de veludo, todos mortos já, à excepção de Bárbara, a mais espirituosa das caracteristicas que tem passado pelo teatro portuguez.

Desempenhava Hortense o papel de uma ingénua *rosse*, como dizem os franceses, a *Mademoiselle Trompette*, que andava louca pelas graças másculas de um garboso official.

A sua dicção, muito cuidada, o seu gesto moderado e sempre certo, a simpatia que emanava da sua figura gentil, fizeram-me desde logo acreditá-la, no meu apreço, como

uma das mais risonhas promessas da arte da nossa terra.

Mas, além dêsse papel, tem a graciosa actriz no seu repertorio de comédia e drama outros de maior relêvo e de maior difficuldade, como o de *Trude*, nas *Fogueiras de S. João*, em que se destacou brillantemente contrascenando com Lucília Simões e Erico Braga.

Aos seus louvores de actriz do teatro de declamação, quis ella ou talvez o acaso, juntar novos triumphos, no teatro musicado.

E digo o acaso, porque se não fôsse a «bluette» *Chic-chic*, de Erico Braga, ella não mudaria de género, é quasi certo.



Aquêl *Gavroche* apontou-a como estrêla do teatro ligeiro, e desde então ella vem criando uma coleção de tipos de revista e «vauville», que a consagraram definitivamente nessa especialidade.

Apesar de tudo, eu creio que é no palco de declamação que ella tem o seu lugar definitivo, e onde o seu indiscutível talento histriónico poderia afirmar-se mais largamente.

Mas a vida tem exigências a que a Arte e a artista tem que ceder o passo, esperando pacientemente a sua vez.

MERCEDES BLASCO.

# ATLANTIDA

## ROMANCE

de PIERRE BENOIT  
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

(Romance votado no concurso do Magazine Bertrand e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)



«Antinea dignou-se dar-me ainda estas explicações.» Le Mesge é um sabio que me é útil; sabe espanhol e italiano, classifica os meus papeis, e está a pôr em ordem a minha genealogia divina. O reverendo Epardek sabe inglês e alemão. O conde Bielowsky conhece a fundo as línguas slavas, e gosto dele como de um pai. Conheceu-me em pequena, quando eu ainda não pensava em nenhuma das tolices que sabes. Estes homens são-me indispensáveis nas relações que posso vir a ter com visitantes de nacionalidades diferentes, a pesar de eu já começar a servir-me razoavelmente das línguas que me são precisas.

«Mas já é falar de mais, e é a primeira vez que dou satisfações acerca do meu proclimento. O teu amigo não é tão curioso. E dito isto mandou-me embora. Singular mulher, em verdade. Tenho-a por um tanto romanista, mas com mais pratica que o mestre da voluptuosidade.»

— Senhores, — disse de repente o sr. Le Mesge, entrando — porque se demoram? Estão lá a sua espera para jantar.

O professorzinho estava de bellissimo humor naquela tarde. Trazia uma roseta roxa nova.

— Então? viram-na? — perguntou com arzinho galhofeiro.

Nem eu nem Morhange respondemos.

O reverendo Epardek e o hétman de Jitomir já tinham começado a jantar quando chegámos. O sol poente punha nas esteiras cremes reflexos de framboesa.

— Sentem-se senhores — clamou o sr. Le Mesge — O sr. tenente de Santo-Avito não jantou ontem conosco, vai hoje provar os cozinhados de Zoukou, nosso cosinheiro bâmbara, e há de dizer-me o que lhe parece.

O criado preto pôs diante de mim um ruivo soberbo, no meio dum molho de pimentos, vermelho como tomate.

— Hoggar branco de 1879 — disse-me o hétman de Jitomir, enchendo-me o copo de um licôr topázio. — Eu é que trato d'ê. Vai todo para as pernas, e nada para a cabeça.

Bebi o meu copo de um trago. A sociedade começou a parecer-me um encanto.

— Ó capitão Morhange — gritou o sr. Le Mesge para o meu companheiro, que saboreava descançadamente o seu ruivo — que me diz este acantopterigio? Foi pescado hoje no lago de oásis. O senhor começa a admitir a hipótese do mar do Sahará?

— Este peixe é um argumento — disse o meu companheiro. E calou-se de repente. Acabou de abrir-se a porta. Entrou o targui branco.

Os convivas calaram-se todos.

O homem velado caminhou lentamente para Morhange e tocou-lhe no braço direito.

— Bem — disse Morhange.

Levantou-se e seguiu-o.

O jarro de vinho do Hoggar de 1879 estava entre mim e o conde Bielowsky. Enchi o meu copo — copo de meio litro — e esvaziei-o nervosamente.

O hétman olhou para mim com simpatia. — Oh! Oh! — disse o Sr. Le Mesge, dando-me com o cotovêlo — Antinea respeita a ordem hierárquica.

O reverendo Epardek sorriu pudicamente. — Hé! Hé! repetiu o sr. Le Mesge.

Tive vontade de atirar com o copo à cabeça do professor de história. Mas enchi-o e tornei a esvaziá-lo. E êle, cada vez mais galhofeiro, cortando uma grande fatia de carne, disse:

— Morhange limitar-se há a comer em espirito este delicioso carneiro assado.

— Não perde nada com isso! redarguiu o hétman. — Isto não é assado! são os chifres do bicho! Zoukou anda a rir-se de nós!

— Peça contas ao reverendo — disse a vósinha aflantada do sr. Le Mesge. — Já lhe disse que arranjasse outros catecúmenos e deixasse o cozinheiro.

— Senhor professor! — protestou com dignidade o pastor Epardek.

— Mantenho o protesto — gritou Le Mesge, que me ia parecendo algum tanto embriagado. — E tomo este senhor por juiz — acrescentou, voltando-se para o meu lado — chegou agora, não é por uns nem por outros. Portanto diga-me cá: Há porventura o direito de fazer maluco um cosinheiro bâmbara, enchendo-lhe a cabeça dia e noite com discussões teológicas a que nada predispõe?

— Ai! — respondeu tristemente o pastor. — Como o senhor se engana! Propensão demasiada para a controvérsia tem êle!

— Zoukou é um mandrião, que aproveita a doutrina para não fazer nada e deixar queimar os assados — opinou o hétman. — Viva

o Papa — gritou êle enchendo os copos a todos.

— Afirmo-lhes que êste bâmbaro me está dando grandes inquietações — disse o pastor com a maior gravidade. — Sabem em que deu êle agora? Em negar a presença real. Está a dois passos dos erros de Zwingle e de Escolampádio. Zoukou nega a presença real.

— Senhor — disse Le Mesge muito exaltado — devemos deixar aqueles que tratam do comer. Jesus, era tão bom teólogo como o senhor, e segundo creio, não andava a desinquietar Warta com histórias!

— Muito bem — apoiou o hétman, que tentava destapar um jarro.

O pastor bebia tristemente, accentuando:

— Nega a presença real!

— Deixe-os falar — disse-me o hétman. — Não vê que estão todos embriagados?

Êle próprio titubeava um pouco e teve a maior dificuldade em me encher o copo. Estive para repelir o oferecimento, mas pensei que Morhange, áquela hora, por mais que dissesse... Ela era tão linda! Peguei no copo e esvaziei-o.

O sr. Le Mesge e o pastor metram-se na mais emaranhada discussão religiosa, em que entrava o *Book of common Prayer*, a *Declaração dos direitos do Homem*, e a *Bula Unigenitus*. Pouco a pouco o hétman começou a tomar sobre êles o ascendente dos homens de sociedade que mesmo embriagados até chorar, se impõem com tôda a superioridade que tem a educação sobre a instrução.

O conde Bielowsky tinha bebido cinco vezes mais que o professor e o pastor. Mas aguentava o seu vinho dez vezes melhor.

— Deixemos esses beberões — disse êle enojado. — Venha daí, meu amigo. Os parceiros estão à nossa espera na sala do jogo.

— Senhores e senhores — disse o hétman ao entrar — deixem-me apresentar-lhes um novo parceiro, meu amigo, o sr. tenente André de Santo-Avito.

— Deixa — disse-me ao ouvido — são os criados. Mas é para me dar a ilusão...

Reconheci que êle estava realmente muito embriagado.

A sala era estreita e comprida, com uma grande mesa rente ao chão, rodeada de almofadas em que estavam estendidos uns doze indigenas. Nas paredes havia gravuras que atestavam o mais feliz eclectismo: o *S. João Baptista*, de Vinci, e a *Casa dos últimos cartuchos*, de Alphonse de Neuville.

Na mesa estavam copos de barro vermelho e um jarro pesado cheio de álcool de palmeira.

Encontrei alguns dos meus conhecimentos, entre elles: o massagista, a manicura, o barbeiro, dois ou três tuaregues brancos que tinham baixado os véus e fumavam gravemente de cachimbos compridos com tampa de cobre.

A falta de melhor, entretenham-se a jogar as cartas.

Estavam com elles duas das lindas damas de companhia de Antinea, Aguida e Sydia. A sua pele lisa, côr de bistré, luzia sob os véus de lhamá de prata. Tive pena de não vêr a túnica de sêda vermelha da pequenina Tanit-Zerga. Pensei em Morhange, mas foi só um instante.

— Os tentos, Zoukou! — ordenou o hêtman — não estamos aqui para brincar.

O cosinheiro zuingliano pôs diante dêle uma caixa, de tentos de muitas côres. O conde pôs-se a contá-los, separando-os em montinhos com a maior gravidade. E explicou-me:

— Os brancos valem um Luís. Os vermelhos cem francos. Os amarelos quinhentos. Os verdes mil. Saberá que se joga aqui um jogo dos diabos. De resto, vai vêr.

— Tomo a banca por dez mil — disse o cosinheiro.

— Doze mil — disse o hêtman.

— Treze — disse Sidia que, sentada num dos joelhos do conde, com um sorriso húmido, punha os seus tentos amorosamente em pequenas pilhas.

— Quatorze — disse eu.

— Quinze — gritou a voz de cana rachada da Rosita, a velha preta manicura.

— Dezassete! — proclamou o hêtman.

— Vinte mil! — acabou o cosinheiro. E accentuou desafiando.

— Vinte mil! tomo a banca por vinte mil!

O hêtman fez um gesto de mau humor:

— Homem do diabo, êste Zoukou! Não há que teimar contra êste animal! Vai ter de jogar cerrado, tenente!

Zoukou colocou-se à ponta da mesa, no logar do banqueiro, e pôs-se a baralhar as cartas com uma destreza que me confundia.

— Bem tinha eu dito, é como em casa da Ana Deslions — murmurou o hêtman com orgulho.

— Joguem, senhores! — chiava o preto. Joguem, senhores!

— Espera, bruto! — disse Bielowsky. Bem vês que os copos estão vazios.

O massagista alegre, encheu-os logo.

— Corta! — disse Zoukou a Sidia, a linda targui, que lhe ficava à direita.

A rapariga cortou com a mão esquerda, como os supersticiosos. Tinha a direita occupada com o copo em que bebia.

— Vou dar cartas — disse Zoukou.

O hêtman, abraçando Aguida pela cintura, declarou:

— Eu quero.

Zoukou deu um quatro ao hêtman e tirou um cinco para si.

— Oito! — gritou Billowski.

— Seis! — disse a linda Sidia.

— Sete! — arrematou Zoukou. Uma situação paga a outra — acrescentou friamente.

— Dobro a parada! — disse o hêtman.

Cacambo e Aguida imitaram-no. Do nosso lado havia mais reserva. A manicure principalmente, não arriscava mais que vinte francos de cada vez.

— Peço igualdade de situações — disse Zoukou imperturbável.

— Aquêlo maluco é insuportavel! — resmungou o conde. Aqui tens. Estás satisfeito?

Zoukou deu cartas e pôs nove na mesa.

— Hora e pátria! exclamou Bielowsky.

— Eu tinha oito...

Eu, que tinha dois reis, não manifestei o meu mau humor. Rosita tirou-me as cartas das mãos.

Sidia, à minha direita, tinha os magníficos cabelos negros espalhados pelos ombros. Estava realmente muito linda, e um tanto embriagada como tôda aquella fantasmagórica assistência.

Pus-me a olhar para ela, mas respondia-me com um tímido olhar de través. Pensei.

— Tem mêdo. Na minha testa deve haver o letreiro de *caça* prohibida...

Cheguei o meu pé ao dela: retirou-o assustada.

— Quem quer cartas? — perguntou Zoukou.

— Eu não — respondeu o hêtman.

— Estou servida — disse Sidia.

O cosinheiro tirou um quatro.

— Nove — disse.

— A carta devia ser para mim! — praguejou o conde. — E cinco! Eu tinha cinco! Se eu não tivesse prometido outrôra a Sua Magestade o Imperador Napoleão nunca deitar cinco!... Há ocasiões que custa, custa muito... E vejam como aquêlo animal do preto se vai embora sem dar a desforra.

Era verdade: Zoukou, tendo arrebanhado três quartas partes dos tentos, levantava-se com dignidade e despedia-se da assistência.

— Até amanhã, meus *sinhores*.

— Vão-se todos embora! — vociferou o hêtman. Fique comigo, sr. de Santo-Avito.

Quando ficámos sós, êle tornou a encher um grande copo de álcool. O teto da casa desapareceu em fumo.

— Que horas são? — perguntei.

— Meia noite e meia hora. Mas, meu filho, meu querido filho, não se vá embora. Tenho o peito oprimido, tão oprimido!

Chorava a valer. As abas da casaca faziam-lhe umas grandes asas verdes, pousadas nas costas do sofá.

— Aguida é tão linda! — e continou êle, chorando. Faz-me lembrar a condessa de Teruel, aquella que estava um dia a tomar banho, nua, ao pé do rochedo da Virgem de Biarritz, quando o príncipe de Bismarek estava na ponte. Não se lembra da Mercedes de Teruel?

Levantei os ombros.

— É verdade! O tenente teria dois ou três anos. Ah! meu filho, ter vivido naquella época, e vêr-me reduzido a jogar a banca com selvagens. Tenho de contar-lhe...

Puz-me de pé e empurrei-o.

— Não te vás embora! Não te vás embora! — supplicava êle. Dir-te-hei tudo que tu quizeres, contar-te-hei o que tu quizeres, como vim para aqui, coisas que nunca disse a ninguém. Preciso ter expansões com um verdadeiro amigo. Tudo te direi. Tenho confiança em ti. És fidalgo e és francês. Não lhe dirás nada.

— A quem?

— A...

A voz empastou-se e parecia receosa:

— A quem?

— A ela... a Antinea — murmurou.

Tornei a sentar-me.

E o conde Casimiro, tendo chegado áquella altura da embriaguês em que ela se torna compostura grave e compungida, pôs-se a contar-me a história da sua vida, apimentada com aneddotas e alusões da maledicência da época. Começou por lamentar profundamente a triste sorte de um homem como êle; que vivera nas Tulherias e tinha de passar o resto da vida na situação em que se encontrava!

Depois lamentou-se profundamente de não ter dado um tiro em Gambetta, numa tarde em que o encontrou em sociedade pouco recomendável, apontado pela pobreza do vestuário e pela estravagância da sua maneira de dançar!

E continou explicando que tinha nascido em Varsóvia, de pai polaco e mãe russa, ou antes volínia, e que dela herdára o título de hêtman de Jitomir, restituído por mediação do Imperador Napoleão III. O pai refugiou-se em Londres, por motivos políticos, e quando lhe morreu a mulher teve tamanho desgosto que se pôs a deitar a enorme fortuna pela janela fóra. Quando êle morreu, o hêtman ficou apenas com umas mil libras de renda, triste perspectiva para quem tinha de viver na sua posição social.

Não obstante, ia-se divertindo com a boa sociedade, com festas em casa de pessoas fauceis, e com o jôgo — o jôgo que foi a origem da sua perda.

Lord Malmesbury tanto teimon em levá-lo a casa duma senhora primorosa, Miss Howard, que o hêtman acabou por lá ir um dia. Foi a 22 de Fevereiro de 1848. E entre os parceiros do jôgo, além de Lord Malmesbury, encontrou Lord Clebden, Lord Chesterfield, Sir Francis Mountjoye, o conde de Orsay... Depois do jôgo, puzeram-se a falar de política. Não se discutia outra coisa nessa época senão os acontecimentos de França, e o conde Casimiro, que nunca se interessára por política, fôsse por que fôsse, pôs-se a afirmar com todo o entusiasmo dos seus desanove anos:

— Das últimas notícias deduz-se que, amanhã, teremos a república em França, e em seguida o Império.

Os convidados olharam para um dêles, que estava sentado a uma mesa distante, onde tinham paçado de jogar.

Êle levantou-se e acercou-se do conde perguntando a quem tinha a honra de falar.

O conde, para marcar distâncias, agastado por tanta confiança, respondeu com tôda a grandeza dos seus títulos.

— Meu caro conde — respondeu o desconhecido — se as suas predições se realizarem, hei-de ter o maior prazer em recebê-lo nas Tulherias. E apresentou-se:

— Príncipe Luís Napoleão de Bonaparte. O hêtman continuou a história da sua vida, confundida com a das Tulherias. Entre as coisas que apontou, merecem especial menção para se entender a história, o facto de o imperador o ter casado com a filha do duque de Mondovi, casamento que não foi o que seria para desejar, e o êle não ter de que viver senão da pensão de fidalgo da câmara.

(Continua).



# Passatempo



Ha mais cinco passageiros para o aeroplano

## TRANSFORMAÇÃO MARAVILHOSA (Problema)

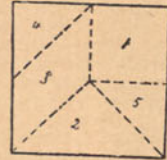
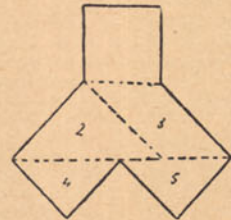
Será possível converter um fruto numa ave? Toda a gente dirá que não, porém o nosso problema demonstra exactamente o contrário.

Claro está que para isso temos que estabelecer uma hipótese prévia, como os ma-

em duas partes, e tirar, digamo-lo assim, um pedaço do fruto. Combinem-se as quatro partes resultantes, e ter-se-ha uma galinha na atitude de cacarejar.

Quais são os cortes que ha a fazer? Qual é a combinação? Af é que está o *busillis*.

## QUEBRA CABEÇAS (Solução)



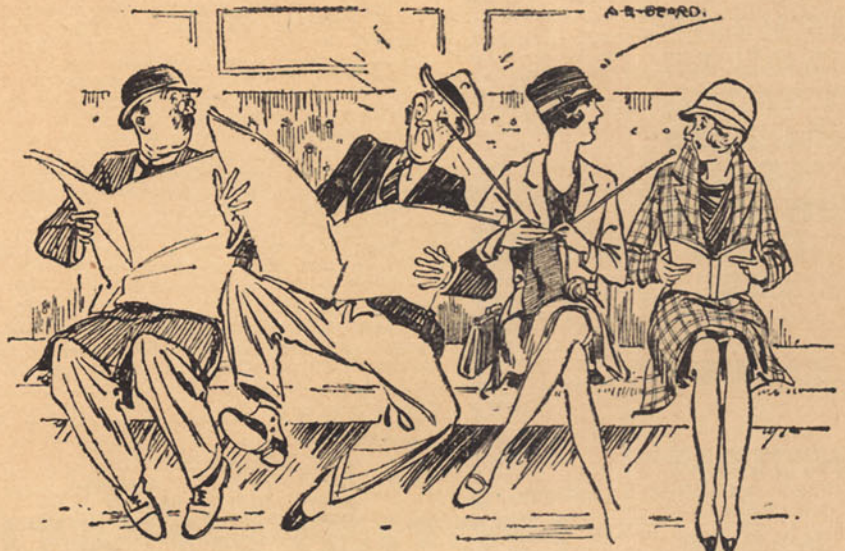
## ILUSÃO OPTICA



temáticos. Ha que supôr, antes de tudo e a suposição é um pouco desencantadora, que nem o fruto nem a ave são comestíveis.

Tomemos uma maçã, como esta, com pé, e até mesmo com um bocadinho de ramo.

Como se poderá converter numa galinha? Da maneira mais simples d'este mundo. Não é preciso mais do que cortar-lhe o ramo



Gabriela: — Eu, pela minha parte, já me deixei de ler no combóio; faço antes stricots. É menos prejudicial para os olhos, sabes?



# BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

OBRAS RECOMENDADAS PELO  
«COMITÉ SEQUANA»

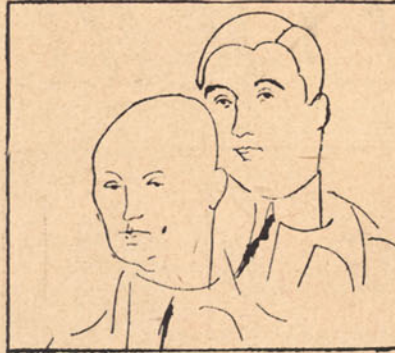
JÉRÔME & JEAN THARAUD

Este «Comité», que há três anos funciona e se compõe de algumas das mais notáveis individualidades da França literária, na sua maioria académicas e cujos nomes e retratos publicámos no nosso n.º 56, — em cada uma das suas reuniões mensais procede à escolha dum certo número de livros, que assim se categorizam como os melhores saídos, no momento, na língua francesa.

Deste modo, o leitor que, em suas leituras, se guie pelas notas do referido «Comité Sequana», agora inseridas com regularidade na nossa revista, adquira a plena certeza de que lê o que mais lhe convém, e só isso.

Mes années chez Barrès, por Jérôme e Jean Tharaud. — 12 fr. Esta recente obra dos dois irmãos escritores, cuja biografia esboçamos no lugar de honra desta página, pertence à série dos retratos das grandes individualidades com quem eles privaram, série iniciada há dois anos com o belo volume *Notre cher Péguy*. Os irmãos Tharaud, talvez seja bom lembrá-lo, secretariaram Barrès uma longa temporada, e daí o conhecimento inteligente que tomaram da sua psicologia e dos seus hábitos de trabalho. Barrès, que hoje tem a categoria de mestre, não é engrandecido nem apocada neste volume: o retrato prima por ser exacto, retrato vivo, em que o modelo respira, tal como ele foi. Há nestas páginas a simplicidade soberana duma testemunha que narra o que viu, e só isso. Arte sóbria, bem francesa.

La Gerbe d'Or, por Henri Bérard. — 12 fr. O autor, que se notabilizou no jornalismo com reportagens brilhantíssimas, no número das quais devemos colocar a que o volume *Ce que j'ai vu à Moscou*, arquivada, obteve em 1922 o Prix Goncourt, atribuído em face dos seus dois magníficos livros *Le Vihriol de Lune* e *Le Martyre de l'obèse*. Desde então o seu nome figura entre os mais cotados da moderna literatura francesa. Henri Bérard pertence ao número dos escritores cuja aprendizagem é mais, obra da própria vida, trepidante, cheia de surpresas, do que das escolas e dos mestres. Sentiu dentro de si um instinto forte que o levou a observar e a descrever o que observa: simplesmente, com espontaneidade, aproveitou-o. A vida da sua escrita é essa, e que não é má prova-não hem os livros produzidos até hoje, nos quais acaba de adicionar *La Gerbe d'Or*. Qual o assunto deste? A bem dizer, trata-se duma reportagem retrospectiva através dum mundo que vive apenas na recordação do autor. É a evocação da padaria do pai, um homem rude com impetus violentos que agitavam uma profunda bondade e cuja maior ambição era a de dar a seu filho a instrução que a ele, Joseph Bérard, não fôra dada. Mas o garoto ama bem mais o ar livre do que o ambiente morno da escola, e tudo isto é narrado com um superior colorido que só exalta a verdade dos factos. Em volta da figura do pai, o autor desenha uma curiosa galeria de trabalhadores e tipos originais, surpreendidos na vida diária pelos olhos dum criança que sabe ver. Freqüentemente se diz que os escritores de hoje não sabem falar do povo e que ignoram ou affectam ignorar, numa



(Desenho de Creixams)

Nascido em 11 de Maio de 1871, em Saint-Junien, Jérôme Tharaud, depois de se ter bacharelado em Paris, partiu para Budapest, onde exerceu um cargo universitário, após o que visitou a Europa Central e o Oriente. No seu regresso a Paris, começou então a colaborar com seu irmão João, nascido, na mesma localidade em que nasceu Jérôme, em 7 de Maio de 1877.

Esse perfeito consórcio das suas inteligências, das suas sensibílidades, nunca mais sofreu quebra, de modo tal que, seja em obra de fôlego, seja num breve artigo, nunca aparece um «só»: é sempre um «eus», como se se não tratasse de dois escritores reunidos. Viajantes, romancistas, eles têm sabido tratar em seus livros assuntos muito palpantes. Aqui chamamos algumas das suas obras principais: *Dingley*, *l'illustre écrivain*, que obteve em 1906 o Prix Goncourt; *Contes de la Vierge*; *Contes magyars*; *Les frères ennemis*; *La maitresse servante*; *La tragédie de Ravalliac*; *L'ombre de la croix*; *Rabat ou les heures marocaines*; *Un royaume de Dieu*; *Quando Israël est roi e outras*.

atitude de falso aristocratismo de costumes e idéas, a sua alma enorme como um oceano. Bérard foge à regra, e com orgulho bem patente. A sua origem humilde, não a oculta. Pelo contrário, ele pensa até que o melhor do seu talento o deve a essa origem.

La Vie d'Alexandre Dumas père, por J. Lucas — Dubreton. — 12 fr. Pertence à coleção «Vies des hommes illustres», este trabalho, dum publicista para quem a história é um tesouro de riquezas a cada passo renovadas e cujos principais volumes se denominam *L'Espagne au XV.º siècle*; *le Roi sauvage*; *Louis XVIII* e *Histoire de la Restauration et de la Monarchie de Juillet*, confirma o que por várias vezes tem sido dito a respeito do autor dos *Três Mosqueteiros*: a própria vida de Dumas constitui o seu romance mais imaginoso, mais surpreendente. Há nela imprevisão, aventuras, energia, variedade. O sr. J. Lucas — Dubreton tomou a peito narrá-la com o movimento e a graça necessárias. Aparece-nos aqui esse gigante da pena nos episódios mais curiosos da sua existência, agora como legionário, logo como dnelista, depois como amo-

roso, nunca successão admirável de aspectos novos e denunciante duma vitalidade prodigiosa. A sua vida recomeça em cada instante, o seu coração reverdece de ilusões, mais amada ainda do que as árvores, porque a estas só, de ano a ano, os subtis dedos da primavera as despertam. E aqui nos são apontadas também os seus hábitos de escritor, se é que esse homem criou hábitos, de tal modo foi sempre improvisada a sua vida. Mais nos é recordada a sua mania de escrever em papeis de diferentes cores, conforme o género da obra: azuis, os romances; cor de rosa, as peças de teatro; amarelos, os artigos; etc. Livro, na verdade, bem feito, que interessa ler de ponta a ponta.

Fragments de l'histoire de ma vie, pelo Príncipe de Ligne. — 25 fr. Eis o segundo tomo duma obra que também merece ser lida e cuja matéria traz à lembrança outra, aparecida há pouco tempo na coleção «Le Roman des Grandes Existences» e assinada por Louis Dumont — Wilden: *La Vie de Charles-Joseph de Ligne, prince de l'Europe Française* (15 fr.). O I tomo desta colectânea de memórias, cumpre lembrá-lo aqui, saiu com um prefácio de E'donard Chapuisat, tendo 1 retrato e 2 fac-símiles hors-texte e sendo o seu custo também 25 fr. O interesse desta memórias, agora publicadas por Félicien Leurliant, resulta do carácter sobremodo representativo que no século XVIII alcançou o seu autor e também da maneira desartificiosa como são narradas. Ligeiramente como falava, reflectindo ali uma observação muita viva dos homens que viveram no seu tempo.

Les Sculpteurs de Reims, por Louise LeFrançois-Pillion. — Brochado, 16 fr. 50; cart.º 20 fr. Pertence o volume à coleção «Maitres de l'antiquité». São 140 pág.ª com 60 estampas em heliogravura.

Fixa um estudo minucioso operado sobre os escultores que ornaram a catedral de Reims e cujos nomes se haviam perdido. A autora, neste trabalho, revela uma esplêndida erudição adicionada a um fino senso artístico. Verdadeiramente, apearce-se-nhe toda a escultura francesa do século XIII. Pormenor a atender: as fotografias reunidas aqui são anteriores à guerra. Algumas delas constituem tudo o que resta, para a nossa admiração, de obras destruídas ou mutiladas pelo bombardeamento.

La Révolution française, por Pierre Gaxotte. — 13 fr. 50. Obra de conjunto, bem informada e manuseável, sobre a Revolução Francesa, que marca, como se sabe, uma das crises mais profundas da história da Europa. Neste trabalho não houve simples cópia dos livros já existentes: o autor exumou dos arquivos matéria irrevelada.

Páginas brilhantes, em que perpassam scenas e figuras com um relevo justo que muito raramente se encontram.

Sans Ame, por André Thérive. — 12 fr. Discípulo de Huysmans e seu biógrafo, o autor reflecte nos seus livros, embora com uma tonalidade bem pessoal, o pessimismo do mestre.

Que é este romance? A história de quem se sente criminoso por ter conhecido e deixado perder uma alma.

Bêlé-disse R. Jabou: «É o regresso ao realismo são, sem tucanhês.» Nas suas páginas, escritas com plena sciência da linguagem (André Thérive tem grande estudos clássicos e é filólogo), há uma pintura forte da gente que se agita nos music-halls.

As livrarias ALLAUD E BERTRAND, representantes em Portugal das SELECTIONS MENSUELLES SEQUANA, respondem gratuitamente a todas as consultas que lhes sejam feitas sobre a remessa regular, por assinatura, das obras escolhidas pelo COMITÉ, que são as melhores da literatura francesa.

## ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS ... ..	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA ... ..	47\$00	92\$00
Registados.. .. .	24\$40	47\$80	93\$60	Registados ... ..	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL... ..		49\$00	96\$00	BRASIL... ..	52\$00	102\$00
Registados.. .. .		53\$80	105\$60	Registados... ..	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR ... ..		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO... ..	63\$00	124\$00
Registados.. .. .		57\$80	113\$60	Registados... ..	72\$60	143\$00

NUMERO AVULSO 400

# VOGA

A UNICA  
GRANDE  
REVISTA  
FEMINI-  
NA POR-  
TUGUESA

..

MODAS

..

BOR-  
DADOS

..

CON-  
FE-  
ÇÕES

..

LITERA-  
TURA  
FEMINI-  
NA

..

CONTOS  
PARA  
CRIAN-  
ÇAS

..

CONCUR-  
SOS

GRAFO-  
LOGIA

ROMAN-  
CES

..

ELEGAN-  
CIA



MODE-  
LOS EX-  
CLUSIVOS  
DE PARIS  
RECEBI-  
DOS SE-  
MANAL-  
MENTE

..

A UNICA  
GRANDE  
REVISTA  
DE ARTE  
PARA AS  
SENHO-  
RAS  
PORTU-  
GUESAS

..

PAGINAS  
CENTRAIS  
MA-  
RAVI-  
LHOSAS

..

FOLHAS  
DE BOR-  
DADOS E  
MOLDES  
EM TA-  
MANHO  
NATU-  
RAL

..

CINEMA

..

TEATROS

..

BELEZA

CUSTA 15 TOSTÕES

AT-PARIS  
ELAUBE  
LEPERVIER

depois da tempestade,  
a bonança...



A acção irregular do nosso estomago, o mau funcionamento do figado e intestinos, provocam em nós perturbações, enxaquecas, estado febril e abatimento. É preciso, a todo o transe, pôr termo a estas indisposições atacando o mal na sua origem.

Uma colher, das de café, de Eno's "Fruit Salt", num copo d'agua, fria ou quente, todos os dias de manhã e á noite, é um remedio eficaz.

Eno é uma preparação salina, idealmente pura e extraordinariamente benefica aos orgãos digestivos, que são, por assim dizer, o laboratorio da saude. Pelas suas propriedades refrigerantes e tonicas, defende o estomago e o figado, fazendo desaparecer as nauseas e dores: o Eno obriga suavemente o intestino a desempenhar as suas funcções diariamente, conservando portanto a pureza do sangue.

Seguindo estas instrucções conservarvos heis de perfeita saude, calmos, tranquilos, gosando serenamente o prazer de viver.

**Exigi sempre a marca ENO'S "FRUIT SALT"**

**SAL de FRUCTA**  
**ENO**  
**"FRUIT SALT"**

*As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno" são marcas da fabrica registadas.*

Depositaros em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY & Co. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA